

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE DIREITO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
Bacharelado em Relações Internacionais

COMPLEXO SOJA E VULNERABILIDADE COMERCIAL
EXPORTADORA NO MUNICÍPIO DE DOURADOS (2018-
2022)

DOURADOS-MS

Dez2023

HELOISA DONEGA MARCHI

**EXPORTAÇÕES DO COMPLEXO SOJA E
VULNERABILIDADE COMERCIAL NO MUNICÍPIO DE
DOURADOS (2018-2022)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Relações Internacionais, da Faculdade de Direito e Relações Internacionais da Universidade Federal da Grande Dourados como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Lisandra Lamoso

Dourados-MS

Dez2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

M316c Marchi, Heloisa Donega

Complexo Soja e Vulnerabilidade Comercial Exportadora no Município de Dourados (2018 - 2022) [recurso eletrônico] / Heloisa Donega Marchi. -- 2023.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Lisandra Pereira Lamoso.

TCC (Graduação em Relações Internacionais)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2023.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Complexo soja. 2. Comércio Exterior. 3. Agronegócio. 4. Vulnerabilidade comercial exportadora. I. Lamoso, Lisandra Pereira. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 14 de dezembro de 2023, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, a aluna **Heloisa Donega Marchi** tendo como título “**COMPLEXO SOJA E VULNERABILIDADE COMERCIAL EXPORTADORA NO MUNICÍPIO DE DOURADOS (2018-2022)**”.

Constituíram a Banca Examinadora os professores **Dra. Lisandra Pereira Lamoso** (orientadora), **Dra. Déborah Silva do Monte** (examinadora) e **Dr. Tomaz Espósito Neto** (examinador).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado APROVADO.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: Realizar as correções sugeridas pela banca.

Assinaturas:

Documento assinado digitalmente
gov.br LISANDRA PEREIRA LAMOSO
Data: 16/12/2023 08:17:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Lisandra Pereira Lamoso

Orientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br DEBORAH SILVA DO MONTE
Data: 18/12/2023 10:07:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Déborah Silva do Monte

Examinadora

Documento assinado digitalmente
gov.br TOMAZ ESPOSITO NETO
Data: 16/12/2023 12:17:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Tomaz Espósito Neto

Examinador

MARCHI, Heloisa Donegá. **Complexo soja e vulnerabilidade comercial exportadora no Município de Dourados (2018-2022)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Direito e Relações Internacionais, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2023.

RESUMO

Nas últimas décadas, em decorrência da globalização, houve uma intensificação das trocas comerciais. Entre as mercadorias, temos os produtos do complexo soja, uma cadeia de produtos relevantes no comércio exterior brasileiro. A soja é uma das principais *commodities* das exportações brasileiras, e dentro dessa conjuntura, essa pesquisa se propõe a analisar as exportações desse produto pelo município sul-matogrossense de Dourados. O presente trabalho introduz a noção de “vulnerabilidade comercial exportadora”, baseado nas contribuições trazidas por Milton Santos (2002). A discussão principal é referente às exportações de soja, dentro do quadro denominado vulnerabilidade econômica exportadora, principalmente pela monocultura e sua expressão do comércio com a China. O método de pesquisa utilizado, foi através do uso de dados quantitativos extraídos do COMEXSTAT e revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Complexo soja; Comércio Exterior; Agronegócio; Vulnerabilidade comercial exportadora.

ABSTRACT

In recent decades, as a result of globalization, trade has intensified. Among these goods are the products of the soy complex, a chain of products that is important in Brazilian foreign trade. Soy is one of the main commodities in Brazilian exports, and within this context, this research aims to analyze the exports of this product by the municipality of Dourados in the state of Mato Grosso do Sul. This paper introduces the notion of "export trade vulnerability", based on the contributions made by Milton Santos (2002). The main discussion relates to soybean exports, within the framework known as economic export vulnerability, mainly due to monoculture and its expression in trade with China. The research method used was quantitative data extracted from COMEXSTAT and a literature review.

Key Words: Soybean complex; Foreign trade; Agribusiness; Export commercial vulnerability.

AGRADECIMENTOS

Somente eu sei o esforço que tive para chegar até aqui, mas não seria possível sem algumas pessoas que fazem parte da minha vida.

Primeiro gostaria de agradecer aos meus pais, Valter e Elaine, por tudo o que me proporcionam nessa vida, por todo apoio, carinho e amor.

A minha família, que durante esses anos me permitiram trocas tão valiosas, assim como os ensinamentos.

Aos meus amigos, que durante os anos de faculdade foram também minha base, minha “outra” família, sempre aprendendo uns com os outros, crescemos e evoluímos juntos.

A minha orientadora, Lisandra, que foi excepcional desde o princípio deste trabalho, pessoa que admiro muito.

A quem procura a resposta, primeiro em si.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – BRASIL - Exportações por fator agregado (1978-1996) - acumulado em 12 meses (U\$ milhões).....	17
Figura 2 – BRASIL – Evolução da participação relativa das exportações por fator agregado (2005-2015).....	18
Figura 3 – BRASIL – Evolução do Produto Interno Bruto (2010-2022).....	19
Figura 4 – BRASIL - Visão Geral dos produtos exportados (2022).....	20
Figura 5 – BRASIL – Exportações de soja, mesmo triturado, exceto para semeadura (2018-2022) – milhões dólares FOB.....	21
Figura 6 – BRASIL – Evolução da soja no Brasil (2021).....	30
Figura 7 – MATO GROSSO DO SUL - Participação relativa das exportações por fator agregado de 1994 a 2009.....	35
Figura 8 – MATO GROSSO DO SUL – Visão geral dos produtos exportados no Mato Grosso do Sul (2022).....	36
Figura 9 – MATO GROSSO DO SUL – Principais destinos das exportações de soja em 2018 e 2022 (milhões US\$ FOB).....	37
Figura 10 – MATO GROSSO DO SUL – Destino das exportações (2022).....	38
Figura 11 – MATO GROSSO DO SUL – Distribuição espacial de cana de açúcar, eucalipto e soja (2016).....	44
Figura 12 – DOURADOS – Participação relativa dos principais produtos exportados em 2022.....	45
Figura 13 – DOURADOS – Exportações de soja de 2018 a 2022 (em US\$ FOB).....	46
Figura 14 – DOURADOS – Exportações e importações em 2022.....	47
Figura 15 – DOURADOS – Exportação, importação - países parceiros.....	48
Figura 16 – DOURADOS – Valor FOB U\$ (dólares) exportação para a China (2018 - 2022).....	49
Figura 17 – MATO GROSSO DO SUL – Distribuição espacial da soja (2022).....	54
Figura 18 – DOURADOS – Distribuição espacial da soja (2022).....	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – BRASIL – Variação do PIB da agropecuária (em %)	19
Tabela 2 – BRASIL – Participação por regiões na produção brasileira de soja	34
Tabela 3 – BRASIL – Municípios brasileiros maiores produtores de soja, 2002	42
Tabela 4 – MATO GROSSO DO SUL – Quantidade produzida de soja – 2022 – por tonelada	43
Tabela 5 – DOURADOS – Exportações de soja e milho em 2018 e 2022. (US\$ FOB)	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APROSOJA	Associação dos Produtores de Soja
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
COMEX STAT	Estatísticas de Comércio Exterior do Brasil
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PND	Plano Nacional de Desenvolvimento
PNPC	Programa Nacional de Papel e Celulose
PROALCOOL	Programa Nacional do Alcool
PROCEDER	Programa de Cooperação Nipo-Brasileira de Crescimento do Cerrado
PRODEGRAN	Programa de Desenvolvimento da Região da Grande Dourados
PRODEPAN	Programa de Desenvolvimento da Região do Pantanal
PRODOESTE	Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste
POLOCENTRO	Programa de Desenvolvimento das Áreas de Cerrado
SIGA	Sistema de Informação Geográfica do Agronegócio
USDA	United States Department of Agriculture

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. Capítulo I: Comércio Exterior, Reprimarização e Vulnerabilidade Comercial do Brasil.....	16
1.1 O comércio exterior brasileiro historicamente determinado pela economia primário - exportadora.....	16
1.2 A reprimarização da pauta exportadora.....	22
1.3 A vulnerabilidade comercial e o complexo soja.....	25
2. Capítulo 2: As Exportações do Complexo Soja pelo Mato Grosso do Sul.....	28
2.1 O complexo soja.....	28
2.2 Característica do complexo soja no Mato Grosso do Sul.....	32
2.3 Exportação de soja pelo Estado do Mato Grosso do Sul.....	36
3. Capítulo III: A Vulnerabilidade e Dependências no Complexo Soja em Dourados/MS.....	40
3.1 A microrregião de Dourados/MS.....	41
3.2 As exportações de Dourados.....	45
3.3 O contexto China.....	49
3.4 Vulnerabilidade nas exportações de Dourados.....	52
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o comércio de mercadorias foi acentuado com a globalização. Esse trabalho faz um recorte que delimita a soja como mercadoria exportada pelo município de Dourados, no centro sul de Mato Grosso do Sul, Região Centro-Oeste do Brasil.

O comércio exterior é uma área de interesse no curso de Relações Internacionais. Por isso, essa pesquisa tem como objetivo analisar as exportações do complexo soja, que está intrinsecamente relacionado ao agronegócio, o mercado de *commodities*, que tem ganhado relevância na economia brasileira nas últimas décadas no Brasil. O objetivo geral é discutir quais as implicações da expansão e consolidação do complexo soja para exportações, no período de 2018 a 2023, investigando uma possível vulnerabilidade comercial nessas exportações.

Como hipótese norteadora, temos que o processo de reprimarização da pauta exportadora pode orientar o território para uma vulnerabilidade comercial exportadora. Apesar de Dourados não se tratar de um caso de reprimarização, faz parte do contexto de valorização do mercado de *commodities* agrícolas.

O município de Dourados, polo regional na rede urbana do centro sul de Mato Grosso do Sul, segundo maior município em PIB e em população, foi escolhido por apresentar uma economia com expressão no agronegócio, em particular o complexo soja. Parte significativa da produção de *commodities* do entorno regional tem relação com o comércio, serviços e estruturas que viabilizam a participação da produção no mercado internacional.

O complexo soja é estruturado pela proteína de origem vegetal e pela derivação dos subprodutos obtidos pela soja. Entre eles estão: os grãos, farelo, farinha, óleo vegetal, entre outros. Esses são usados em diversas indústrias do setor de bens de consumo, como: indústria farmacêutica, de fertilizantes, veterinária, cosméticos e plástico. E pelo leque de variedades dentro desse setor, foi escolhido para análise dentro do quadro da vulnerabilidade comercial exportadora.

A “vulnerabilidade comercial exportadora”, uma expressão inspirada na geografia que trabalha com “vulnerabilidade territorial” elaborada por Camellini (2011), a partir da obra de Milton Santos. Para Santos, a modernização agrícola, dentro do contexto da globalização, é acompanhada por um arranjo de vulnerabilidade das regiões agrícolas. As áreas funcionam por

lógicas obedientes que são externas mas ao mesmo tempo, interferem nos comportamentos locais e nos domínios da vida, que influenciam na moeda, crédito, gasto público e escapam as regulações locais (SANTOS, 2002). A pauta da “vulnerabilidade comercial exportadora” busca mostrar como as impermanências e fraquezas, do quadro de comércio exportador, podem impactar de forma direta ou indireta a economia local.

A metodologia utilizada para realizar este trabalho foi levantamento de dados no Comexstat (Estatísticas do Comércio Exterior do Brasil), construção de gráficos, tabelas; e pesquisa bibliográfica, principalmente da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e da APROSOJA (Associação dos Produtores de Soja).

Esta monografia está organizada em três capítulos. No capítulo I, foram apresentadas as características gerais do comércio exterior brasileiro no qual, foi discutido os ciclos econômicos historicamente determinado pela economia primário exportadora; foi contextualizado o processo de reprimarização da pauta exportadora; e por fim foi instituído a elaboração da noção de “vulnerabilidade comercial exportadora”.

No capítulo II, foi abordado o tema das exportações dentro do complexo soja dentro do contexto do estado do Mato Grosso do Sul. Para isso primeiro trouxe suas características e sua estrutura, depois foi integrado ao contexto estatal, para por fim partir do estado para o município de Dourados, foco da pesquisa.

No último capítulo, retomamos a discussão de vulnerabilidade comercial exportadora e dependência econômica trazidos pelo complexo soja, assim como discutimos a microrregião de Dourados e o contexto no qual a China é o principal parceiro comercial.

CAPÍTULO I

COMÉRCIO EXTERIOR, REPRIMARIZAÇÃO E VULNERABILIDADE COMERCIAL EXPORTADORA DO BRASIL

1.1 O comércio exterior brasileiro historicamente determinado pela economia primário-exportadora

O sistema capitalista, é demarcado ao longo da história por ciclos econômicos, com períodos de expansão e depressão do processo de acumulação. Historicamente, o Brasil tem organizado suas estruturas produtivas em função das demandas do mercado internacional, adequando-se às necessidades do centro dinâmico da economia capitalista (RANGEL, 2001) e o território tem se organizado “sob um regime obediente a preocupações subordinadas a lógicas distantes, externas em relação à área de ação (SANTOS, 2002, p.92)

Desde o princípio, o Brasil teve suas estruturas produtivas organizadas através do setor primário-exportador, com uma estrutura fundiária formada por latifúndios, inicialmente a partir do sistema de “plantations”. Desde o período colonial foi criada uma relação de dependência do padrão agrário-exportador, representado pelo vínculo entre a monocultura de exportação e as demandas do comércio internacional, conforme demonstra Prado Junior em um trecho de seu livro, História Econômica do Brasil:

Se vamos à essência da nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde, ouro e diamante; depois algodão, e em seguida café, para o comércio europeu. Nada mais que isto. É com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daquele comércio, que se organizarão a sociedade e a economia brasileiras. Tudo se disporá naquele sentido: a estrutura social, bem como as atividades do país. Virá o branco europeu para especular, realizar um negócio; inverterá seus cabedais e recrutará a mão-de-obra de que precisa: indígenas ou negros importados. Com tais elementos, articulados numa organização puramente produtora, mercantil, constituir-se-á a colônia brasileira. (PRADO JUNIOR, 1981, p.14)

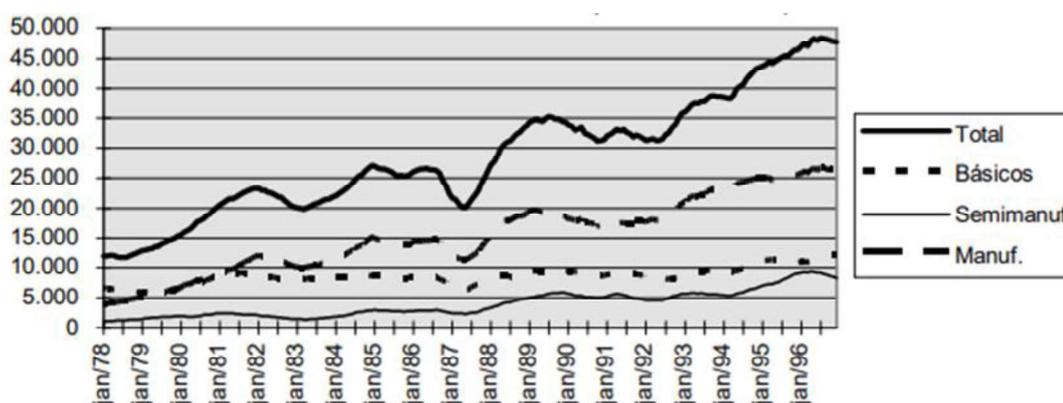
É possível periodizar em ciclos econômicos, sempre com base na demanda do mercado externo independente do sistema vigente. Quanto ao processo de industrialização, o mesmo

passou a ter uma organização sistemática no início no Governo de Vargas, na retaguarda da Grande Depressão de 1930. O Brasil começou a definir sua industrialização em função da crise do mercado internacional e da diminuição das exportações de café. O apoio do governo nesse período era uma via de mão dupla, ao mesmo tempo que desempenhava suporte na economia de monocultura cafeeira, também investia na industrialização por substituição de importações, notadamente pela indústria de alimentos e vestuário.

Aos poucos a produção interna, tanto agropecuária como industrial, poderá ir fazendo frente em proporções cada vez maiores às solicitações do consumo. A análise do comércio externo do Brasil revela a transformação profunda que se vai operando. Apesar do crescimento da população e de uma nítida elevação de seus padrões médios de vida, a tendência é para o declínio e mesmo desaparecimento da importação de vários itens que nela ocupavam posição de destaque; assim os gêneros alimentares e grande número de manufaturas, sobretudo de bens de consumo. (PRADO JUNIOR, 1981, p.219)

Entre as décadas de 1930 e 1970 houve um crescimento no processo de industrialização do país, inicialmente, atendendo à demanda interna, como substituição de importações. Entre a década de 1970 a 1990, a exportação brasileira de produtos industriais já era maior em relação à exportação de produtos básicos, o que passou por uma reversão a partir da abertura comercial ocorrida na década de 1990 (Ver Figura 1):

Figura 1 – BRASIL – Exportações por fator agregado (1978-1996) - acumulado em 12 meses (US\$ milhões).



Fonte: Cavalcanti e Ribeiro, 1998.

Nos anos 2000, o país atingiu seu pico na exportação de produtos semimanufaturados e manufaturados, quando declina na mesma década e passa a ter novamente uma maior

exportação relativa de produtos básicos, processo conhecido como “reprimarização da pauta exportadora” (Ver Figura 2):

Figura 2 – BRASIL – Evolução da participação relativa das exportações por fator agregado (2005-2015).



Fonte: MDIC, 2017. Org.: LAMOSO, 2019

Além desse processo, também houve alterações na expressão do Produto Interno Bruto. O Brasil detinha o décimo segundo maior Produto Interno Bruto (PIB) mundial no ano de 2022 (AUSTIN RATING *apud* WORLD ECONOMIC OUTLOOK, 2022). Em comparação ao ano de 2021, houve uma retração do PIB (Ver Figura 3), com as contas nacionais trimestrais.

Figura 3 – BRASIL – Evolução do Produto Interno Bruto (2010-2022).



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais - IBGE. Elaboração Dtec/CNA.

No ano de 2022, houve uma queda de 1,7% se tratando do PIB da agropecuária, em relação a 2021, por conta de fatores climáticos. Segundo dados da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), a produção apresentou a seguinte retração: soja -11,4%, arroz - 8,3%, cacau -6,6%, batata-inglesa -2,4% e mandioca -1,6%. Uma retração na soja pode afetar as economias que dela dependam com certa exclusividade.

Tabela 1 – BRASIL – Variação do PIB da agropecuária (em %).

Período de Comparação	2021.I	2021.II	2021.III	2021.IV	2022.I	2022.II	2022.III	2022.IV
Acumulado ao longo do ano / mesmo período do ano anterior	7,0	3,7	0,4	0,3	-5,2	-3,2	-1,5	-1,7
Últimos quatro trimestres / quatro trimestres imediatamente anteriores	4,4	3,0	0,6	0,3	-3,6	-3,8	-1,3	-1,7
Trimestre / mesmo trimestre do ano anterior	7,0	0,0	-7,9	-0,3	-5,2	-0,9	3,2	-2,9
Trimestre / trimestre imediatamente anterior (com ajuste sazonal)	5,1	-5,4	-5,6	7,0	-1,5	-0,7	-0,5	0,3

comparamos o gráfico de exportação em dólares (U\$) é possível observar como a China detém a maior participação, tendo inclusive aumentad, entre 2018 e 2022, como ilustra a Figura 5.

Figura 5 – BRASIL – Exportações de soja, mesmo triturado, exceto para semeadura (2018-2022) – milhões dólares FOB.



Fonte: ComexStat Organizado por: Heloisa Donegá Marchi.

Ao analisar a Figura 5, observamos a diferença entre os demais parceiros comerciais e a China, sendo essa última disparadamente superior em valor exportado, enquanto os outros cinco países estão abaixo de U\$5 bilhões, a China ocupou mais de U\$30 bilhões sozinha entre os anos de 2018 a 2022.

Com o crescimento da população mundial e do padrão de consumo, principalmente na China, também aumentou o consumo de proteína animal, que está diretamente relacionada à maior demanda por soja, principal componente da ração animal. Devido a essa importância, o complexo soja passa a ter maior expressão no mercado internacional, passando a receber diversos investimentos para aumento da produção.

O Brasil caiu de 25º para 26º na posição das economias que mais exportam no ano de 2022 (OMC, 2022). Por isso, este trabalho procura entender como a participação da soja (considerando valor da produção, área plantada e mercado de destino) pode resultar em um

processo de vulnerabilidade comercial exportadora, pois as exportações são dependentes deste grão. Esses aspectos serão melhor desenvolvidos nos tópicos seguintes.

Para elucidar o tema, iniciamos com uma discussão sobre o processo de reprimarização da pauta exportadora e, em seguida, a noção de “vulnerabilidade comercial”.

1.2 - A reprimarização da pauta exportadora

A indústria é um setor que mantém as estruturas do capitalismo no mundo contemporâneo. Ao analisarmos autores como Kaldor (1967), Schumpeter (1982) e Rangel (2005) encontramos a definição da indústria como um mecanismo de crescimento econômico ligado à agricultura (a jusante) e aos serviços (a montante), que proporciona avanços técnicos e tecnológicos para a sociedade (LAMOSO, 2020, p. 2).

No Brasil, encontramos um parque industrial complexo. A partir da década de setenta, com a consolidação da indústria no território nacional e um novo urbano, sua composição necessitou de uma demanda com profundidade técnica em áreas distintas. Conforme demonstra Lamoso, em “Reprimarização no Território Brasileiro”:

A indústria, em seu funcionamento, impõe demandas para um conjunto de objetos que agruparemos, para efeitos de diálogo neste texto, sob o termo “aparato de suporte industrial”. Este aparato de suporte industrial é formado: pelo setor energético, com a construção de sistemas de geração e distribuição de energia (que pode ser elétrica, eólica, nuclear, solar, fóssil, biomassa, ...); pela disponibilidade de matéria-prima (arranjos produtivos no campo e na cidade); pela circulação de matéria-prima e produto final (através de rodovias, ferrovias, hidrovias, aerovias, dutovias, ...); por redes de transmissão de dados (redes de telecomunicações, infovias); pela disponibilidade de mão-de-obra (local, regional, pendular); por uma rede de serviços (financeiros, comerciais, terceirizados autônomos, *marketing*, consultorias, planejamento...); pela rede de serviços industriais de utilidade pública (como saneamento, eletrificação, abastecimento de água) além de uma extensa ordem de demandas imateriais (ordenamento de uso dos espaços públicos e privados, tributação, regulação, arcabouço normativo, jurídico,...). (LAMOSO, 2020, p.1)

Essa estrutura industrial proporciona uma complexidade ao território. Ela define o seu funcionamento podendo ser amplo e diversificado, como também sua fraqueza, gerando vulnerabilidades. A organização de parte considerável das estruturas produtivas do setor

primário sempre esteve voltada à demanda do mercado internacional, sofrendo influências da “hegemonia do capital financeiro”, mais recentemente.

No final dos anos noventa, a economia interna, que estava em momento de expansão do neoliberalismo, se tornou um alvo fácil para políticas que visavam a privatização e a desregulamentação das normas que arquitetavam algum projeto nacional. A partir disso, é possível observar um movimento de desindustrialização e a retomada da reprimarização da pauta exportadora no território nacional.

Nos anos 2000, esse processo de reprimarização se acentua. Em alguns estados o que ocorre é a intensificação da primarização, pois, principalmente o centro-oeste, não dispunha de uma complexidade industrial como outras regiões do país. O país passa a retomar, em maior escala, exportações de produtos básicos, de menor valor agregado, com preços definidos nas principais bolsas de mercadoria.

A “reprimarização da pauta exportadora” é o fenômeno que ocorre quando há um declínio nas exportações de produtos semimanufaturados e manufaturados, quando esses já haviam conquistado uma linha de frente na exportação de um país (LAMOSO, 2020). A partir disso, é retomada a exportação em maior número de produtos básicos, *commodities*, tanto agrícolas quanto minerais, no entanto, neste trabalho, nos dedicaremos à primeira.

Para que possamos entender tanto o significado das *commodities*, como também o impacto dessa pauta exportadora no comércio brasileiro, Lamoso, as classifica em seu trecho abaixo:

Classicamente, o termo refere-se a mercadorias de baixo valor agregado, mercadorias de baixa ou nenhuma transformação industrial. Caracterizam-se por serem razoavelmente homogêneas, com pouca diferenciação de qualidade. Dada a relativa padronização, sua competitividade, no mercado, está ancorada nos custos de produção (LAMOSO, 2011a)

Diferentemente dos semi e manufaturados, as *commodities* não precisam necessariamente passar por uma modificação em seu processo industrial. Isso significa que, maior volume de produção e comercialização não representa proporcionalmente, lucro maior, pois o preço é definido no mercado internacional. A lucratividade está pautada, principalmente na redução dos custos de produção (aumento da produtividade) e de transporte. A não definição

de preços, como ocorre com boa parte dos produtos manufaturados mais sofisticados, é uma condição que torna a economia vulnerável. Inclusive porque o Brasil não é o único produtor, embora esteja sempre entre os maiores produtores, no caso da soja.

Além disso, a produção dessa mercadoria, acaba gerando diversas transformações no território no qual se desenvolve. Necessita áreas extensas para plantação, implica na economia local, na qualidade da geração de empregos e tem, com o enfraquecimento da indústria, representado uma importância econômica para economia nacional. A reprimarização coloca em questão o papel que o agronegócio tem assumido na economia brasileira:

Gerou 37% do total de empregos do Brasil, ocupou 30% das terras brasileiras, em 2014 participou do Produto Interno Bruto Brasileiro (PIB) do país, com um valor bruto de produção de R\$430 bilhões. Desse total, 66,5% referem-se a lavouras e 33,5%, à produção pecuária. Em 2014, o agronegócio gerou uma renda de R\$1,1 trilhão, o que representa 22,5% do PIB brasileiro. Nas exportações, o agronegócio alcançou a cifra de US\$ 96,7 bilhões e um saldo na balança comercial de US\$ 80,1 bilhões. (BRASIL 2015).

Apesar do sentido negativo que uma reprimarização envolve, a cadeia produtiva em torno do agronegócio é muito mais complexa do que supõe o senso comum. O processo como um todo engloba diversas áreas que se relacionam, passando pela fabricação de matéria-prima, produção e transformação nas áreas agropecuárias, incluindo diversos serviços de suporte, como pesquisas na área, tecnologias, auxílio técnico, um sistema complexo de logística, até chegar no seu consumidor final. Nos últimos anos, essa rede passou por uma contínua modernização, que trouxe não somente instrumentos tecnológicos para melhoria da cadeia produtiva, como também uma ampliação dos usos do território nacional.

A indústria funciona como uma “teia de aranha”, que se expande em diversos setores, ligando uns aos outros como uma “linha”. A partir disso, podemos entender como ela possui uma expressiva participação, não só, mas, principalmente, na economia de um determinado país. Por isso, para o desenvolvimento econômico, é relevante que a economia nacional supere a reprimarização rumo ao fortalecimento do parque industrial e de serviços mais sofisticados.

Ao delinear o quadro de “reprimarização da pauta exportadora” no território brasileiro, mesmo que isso não aconteça em todas as unidades da federação, já que em alguns casos sempre houve a pauta exportadora de básicos como predominante em termos relativos, nosso propósito

é pesquisar a vulnerabilidade comercial exportadora em Dourados, que será tomado como recorte empírico para o levantamento de dados.

1.3 - A vulnerabilidade comercial exportadora e o complexo soja

Ao analisar a palavra “vulnerabilidade”, encontramos como sendo uma qualidade referente a palavra “vulnerável”. Pelo dicionário Michaelis, possui uma etimologia do latim *vulnerabilis* + *dade*. Seu significado é representado por algo ou alguém em contexto de fragilidade ou por características que apresentem falhas ou incoerências.

O termo “vulnerabilidade”, pode ser associado a diversos temas e circunstâncias, sendo elas sociais, políticas, culturais, econômicas, entre outras. Este trabalho pretende aplicar o conceito de vulnerabilidade a um quadro comercial interno de mercado. Para a elaboração da noção de “vulnerabilidade comercial exportadora”, partimos de uma afirmação de Milton Santos (2002) que menciona a modernização agrícola e, com ela, a vulnerabilidade das regiões frente à modernização globalizadora:

O exame do caso brasileiro quanto à modernização agrícola revela a grande vulnerabilidade das regiões agrícolas modernas face à modernização globalizadora'. [...] De tais áreas, pode-se dizer que atualmente funcionam sob um regime obediente a preocupações subordinadas a lógicas distantes, externas em relação à área de ação; mas essas lógicas são internas aos setores e às empresas globais que as mobilizam. Daí se criarem situações de alienação que escapam a regulações locais ou nacionais, embora arrastando comportamentos locais, regionais, nacionais em todos os domínios da vida, influenciando o comportamento da moeda, do crédito, do gasto público e do emprego, incidindo sobre o funcionamento da economia regional e urbana [...]. (SANTOS, 2002, p. 92)

O território sujeito a essa lógica, em alguns casos, também incorpora características de uma especialização produtiva, que é definida pelo interesse, em situações específicas, das corporações. Sobre isso, Santos cunhou a expressão “uso corporativo do território” (SANTOS, 2000). O processo de globalização tende a padronizar os diversos usos do território. A renovação de tecnologias e a modernização do complexo soja podem parecer atrativas para o desenvolvimento municipal “à primeira vista”, mas isso também se reflete em uma dependência econômica das *commodities*, no caso em estudo, da soja.

Em territórios sob ação da modernização globalizadora, quando ocorre uma predominância de cultivos, que monopolizam grandes extensões da área cultivável e quando o comércio exterior também é caracterizado pela venda para poucos países, os territórios ficam vulneráveis. Neste trabalho, vulnerabilidade comercial exportadora, seria a condição da dependência da comercialização de um ou poucos tipos de produtos para um, ou poucos mercados de destino. A vulnerabilidade comercial exportadora, nesta pesquisa, é pensada em relação à soja e ao peso da participação do mercado chinês como destino de produção no município de Dourados.

Visto isso, para caracterizar o conceito de “vulnerabilidade comercial exportadora”, utilizei de algumas noções inseridas dentro das representações mencionadas anteriormente, com ênfase na ideia “exportadora”. Ou seja, sua definição leva em questão a “fragilidade”, que nesse sentido não é só econômica, mas está diretamente ligada ao fator exportador de determinado país, estado ou município.

A pauta “vulnerabilidade comercial exportadora” procura entender dentro de um contexto historicamente determinado, como as debilidades, fraquezas ou impermanências, podem afetar direta ou indiretamente a economia de um município específico. Por exemplo, no qual existe uma dependência de determinados países de destino ou por um período de adversidade climática, que pode interferir na produção e, conseqüentemente, nas exportações da *commodity* agrícola de soja.

A soja foi escolhida para refletirmos sobre vulnerabilidade comercial exportadora porque é o “carro chefe” da agricultura brasileira, proteína de origem vegetal comercializada nas exportações como: grãos, farelo, óleo vegetal. E também é componente de uma variedade de subprodutos da indústria nacional, parte da soja é convertida em farelo para abastecer a cadeia produtiva de aves, suínos, bovinos, entre outros. Outra parte é convertida na produção de óleos, utilizada na indústria de biodiesel e no consumo doméstico. Ou seja, ela está ligada, não só à agricultura, como também à indústria agropecuária e é extremamente necessária para essa estrutura.

Entre os fatores que colaboram para a expansão do complexo soja estão: o investimento para a produção de sementes adaptáveis em diversas regiões do país; estrutura de transporte consolidada; diversidade de aplicação e, principalmente, a demanda internacional aquecida, representada pelo *boom* de *commodities*, com destaque para o mercado chinês. Condições internas e externas elevaram o Brasil a um dos maiores exportadores e produtores do mundo.

Incorporada no país em meados da década de 1940, inicialmente na parte sul do Brasil, sua importância foi tomando forma enquanto expandia para as regiões Centro-Oeste e Norte. Além da composição geográfica que contribuía para essa expansão, fatores políticos e econômicos propiciaram o avanço. Segundo Dall' Agnol (2008) e Campos (2010), alguns deles seriam: as políticas de incentivos fiscais; abertura de novas áreas para produção agrícola; a composição de empresas produtoras/processadoras de grãos e carnes nas regiões Centro-oeste e Nordeste; topografia favorável combinada ao clima para realização de cultivo e tecnologia favorável para produção em algumas áreas do território nacional.

Como consequência, o território brasileiro teve uma ampliação geográfica da plantação de soja. Em meados de 2003/2004 detinha um espaço de cultivo de cerca de 20 milhões de hectares, já em 2021/2022 detinha cerca de 40 milhões (CONAB, 2023). Essa expansão ocorre, principalmente, no Centro-oeste brasileiro e, mais recentemente, na região do MATOPIBA (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia).

As empresas que atuam no setor passam a regular o mercado interno, mesmo quando possuem sede em um outro país. Controlam e influenciam não só na moeda como também em diversas áreas da sociedade civil, como menciona Santos (2002). Por isso, nosso propósito é entender como o monopólio de exportação do complexo soja está criando uma vulnerabilidade comercial exportadora no município de Dourados.

CAPÍTULO II

AS EXPORTAÇÕES DO COMPLEXO SOJA PELO MATO GROSSO DO SUL

2.1 O complexo soja

Dentre as regiões brasileiras, o Centro-Oeste é formado pelos estados de Mato Grosso (MT), Mato Grosso do Sul (MS), Goiás (GO) e pelo Distrito Federal (DF). Segundo dados retirados do terceiro capítulo do livro, “Logística: contribuições para melhorias na produção e nos resultados”, a região detém uma vasta área de plantio de grãos (9,7 milhões de hectares) e cultivo (32,5 milhões de toneladas, produtividade de 3.346 kg/ha). A produtividade nessa área é maior que a produtividade média do país.

Referente a safra de soja de 2022/23, segundo a Aliança Agroeconômica do Centro-Oeste em seu relatório trimestral, as estimativas para o Mato Grosso eram de (+1,4%), em Goiás a previsão de (-3,25%), enquanto do Mato Grosso do Sul é de (+41,73%) no aumento da produção da soja.

Segundo dados da APROSOJA MS, desde 1977 o Estado do Mato Grosso do Sul, aumentou em 247% a sua expansão de área produtiva da oleaginosa. O mesmo ocupa a quinta colocação no *ranking* de maior produtor do Brasil, com uma produção em média de 8 milhões de toneladas, em um espaço de 2,5 milhões de hectares plantados, cerca de 54 sacas por hectare. No ano de 2016, segundo o Ministério da Agricultura, a exportação de soja era de 3.247 mil toneladas, somando um valor de US \$1,054 bilhões apenas do grão.

A história da soja é datada entre 2883 e 2838 A.C., na costa leste da Ásia, principalmente na China. Diferentemente do grão que é cultivado e conhecido atualmente, evoluiu a partir de cruzamentos de plantas naturais, sendo “duas espécies de soja selvagem”, que foram se desenvolvendo e aperfeiçoadas por cientistas chineses.

O seu consumo era restrito na região chinesa, até o ano de 1894, e só foi inserida no comércio europeu em meados do século XV. A partir do século XX, há uma relevância no interesse do grão por parte da indústria, principalmente pelo seu teor de óleo e proteína. Porém, houve um fracasso no cultivo nos territórios russos, ingleses e alemães, onde a condição climática não era favorável (EMBRAPA, 2023).

No Brasil, segundo a APROSOJA MT, houve tentativas de cultivo na Bahia no fim do século XIX. No ano de 1901 foi iniciado o cultivo do grão em Campinas/SP, onde passou a haver distribuição da oleaginosa aos produtores paulistas.

Sua expansão ocorre de fato no território nacional no final da década de 1960, por dois fatores. O primeiro, porque seria uma via interessante de produzir durante o verão, já que na época o trigo era a base da produção comercial do país. O segundo era por conta da falta desse grão na agropecuária, já que era o início da indústria de suínos e aves. No ano de 1966, o Brasil já produzia aproximadamente 500 mil toneladas do grão. (EMBRAPA, 2023).

O *boom* da soja acontece na década de 1970, momento em que há uma expansão da produção para outros estados brasileiros, tornando-se assim o produto principal do agronegócio. Alinhado com o aumento do preço do grão no mercado internacional, o Brasil encontra uma “vantagem competitiva” entre outros produtores e passa a investir em tecnologias voltadas para esse comércio, conforme podemos observar pelos dados da APROSOJA MT:

A ampliação dos plantios de soja no Brasil sempre esteve associada ao desenvolvimento rápido de tecnologias e pesquisas focadas no atendimento da demanda externa. Tanto que na década de 70 a soja já era a principal cultura do agronegócio nacional: a produção havia passado do 1,5 milhão de toneladas em 1970 para mais de 15 milhões de toneladas em 1979. Importante notar que essa ampliação desde esse início esteve intrinsecamente ligada aos investimentos no aumento de produtividade, e não necessariamente de área (que de 1,3 milhão de hectares passou para 8,8 milhões de hectares na década). Os índices de produtividade nesse período saíram do patamar de 1,14 t/ha para 1,73 t/ha. (APROSOJA MT, 2023).

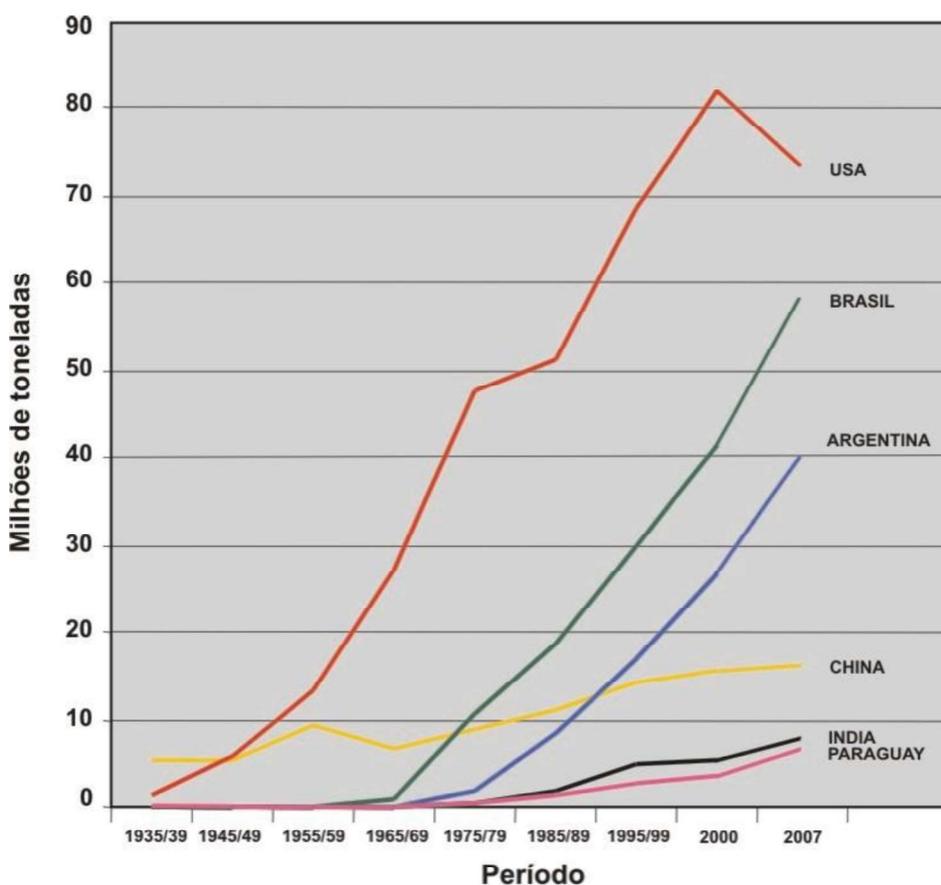
No ano de 1975, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) é criada e a partir daí surgem diversas agências que atuam nessa área de pesquisa. Os investimentos da pesquisa brasileira nesse segmento são importantes, pois foi nesse período que o Brasil passou a cultivar e adaptar a soja para determinadas regiões de acordo com a sua especificação climática, como é o caso do Centro-Oeste. Foi cunhado o termo “tropicalização da soja”

(EMBRAPA, 2023), isto é, pela primeira vez o grão pode ser plantado em áreas de latitude baixa, no espaço entre o Trópico de Capricórnio e a linha do Equador.

Outro método adotado foi a técnica de “plantio direto”, o qual foi responsável pela expansão do grão na agricultura das outras regiões além do Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Além disso, a soja possui uma fixação no solo de nutrientes essenciais para o plantio de diversas culturas como é o caso do milho e do feijão, o que foi um fator que possibilitou ainda mais a expansão no território brasileiro (APROSOJA, 2023).

Nesse contexto, juntamente com as evoluções e investimentos nas pesquisas, houve maior visibilidade à comercialização da soja pelo mercado, no final da década de 1980 e com gradativo aumento na década de 1990. A Figura 6 demonstra cada vez mais essa evolução:

Figura 6 – BRASIL – Evolução da soja no Brasil (2021).



Fonte: USDA. Organizado por: EMBRAPA, 2021.

Segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), na safra de 2022/23, o Brasil já produziu mais de 150 milhões de toneladas da oleaginosa, sendo o país que lidera a produção mundial do grão, em seguida dos Estados Unidos e da Argentina.

Todo esse processo foi necessário para a consolidação da cadeia que hoje conhecemos como “o complexo soja”. Conforme demonstra a APROSOJA:

Esse processo de consolidação da sojicultura no País foi fundamental para o desenvolvimento de toda uma cadeia produtiva, incluindo investimentos privados e públicos em estruturas de armazenagem, unidades de processamento do grão e modais para transporte e exportação da soja e seus derivados. Além disso, a soja brasileira permitiu uma maior viabilidade comercial para a atividade pecuária, devido ao fato de que se trata de uma matéria-prima estratégica para a produção de ração animal para gado bovino, suíno e aves. (APROSOJA, 2023).

O complexo soja é formado pela proteína de origem vegetal e pela derivação de subprodutos obtidos pela soja, entre eles os grãos, farelo, farinha, óleo vegetal, e outros diversos subprodutos utilizados nas mais variadas indústrias de bens de consumo, como farmacêutica, veterinária, de adubo, cosméticos e plástico.

Segundo dados da Aprosoja Brasil referente a safra de 2015/2016, 49% do total da produção de soja é processada na indústria de óleo e farelo, 79% destina-se ao farelo para alimentação humana e animal e uma parte para exportação; enquanto 21% destina-se à produção de óleos, para consumo doméstico e produção de biodiesel e uma parte também é destinada à exportação. Outros 7% da produção total é destinada aos outros subprodutos mencionados e 44% do restante total é exportado como grãos *in natura*, sendo o principal importador, a China.

Uma consideração importante, são as consequências que a sojicultura traz para o Brasil. De fato existem diversos benefícios, como: o desenvolvimento urbano regional e municipal, a movimentação na economia trazendo empregos diretos na sua produção, como também indiretos, sendo no transporte e logística, pesquisa, indústrias diversas, entre outros. Outra consideração que deve ser feita, é em relação às consequências negativas que também necessitam serem verificadas; existem problemas em relação à monocultura e o uso do território

propriamente dito, como redução da área plantada com produtos da cesta básica, efeitos ambientais da especialização produtiva, que não serão abordados neste trabalho.

A próxima etapa será descrever o funcionamento das exportações, no Centro-Oeste com enfoque principal no Estado do Mato Grosso do Sul, em qual posição ele se encontra.

2.2 - Características do complexo soja no Mato Grosso do Sul

O Mato Grosso do Sul, localizado na região Centro-Oeste do país, possui uma área territorial de aproximadamente 375 mil km² e uma população de 2,8 milhões de habitantes (IBGE, 2022). A região Centro-Oeste brasileira, no período anterior à década de 1930, detinha baixa participação na economia do país, principalmente por deter uma baixa densidade demográfica; problema que só foi minimizado posteriormente, na década de 1940, com incentivos do Governo Federal.

Somente em 1914, com a inserção da estrada ferroviária “Nordeste do Brasil” que essa região melhorou sua integração ao mercado do Sudeste. Esse mercado já mostrava uma relação de “domínio e subordinação”, já que o Centro-Oeste importava produtos industrializados e exportava para essa região produtos primários, matéria-prima e insumos básicos. Conforme demonstra Pavão (2005):

A região Centro-Oeste apresentou insignificante estrutura industrial, devido principalmente ao seu isolamento – falta de acessos -, a atividade de subsistência - pecuária -, e também por sua extensão territorial, que permitiu a incorporação de terras para a agricultura (determinando sua “vocação” econômica). (PAVÃO, 2005).

Sua organiza o se configurou com base na agropecuária extensiva, o que posteriormente seria uma das principais estruturas para a implementa o de sistemas agrícolas, visando o uso do espaço territorial e, mais tarde, consolida o da economia do agronegócio.

Desde a década de 1960, houve uma amplia o no comércio e cultivo da soja no estado, e a partir da década de 1970 surgiram investimentos para expansão econômica e coopera o internacional, que pretendia utilizar o território sul mato-grossense tornando-o integrado   economia industrial. Foi elaborado o I Plano Nacional de Desenvolvimento (I PND),

implementado pelo Governo Federal nos anos 1972-1974, com o intuito de formar uma infraestrutura que integrava as regiões Centro-Oeste e Amazônica, projeto que contava com o Programa de Integração Nacional (PIN).

Posteriormente, programas como: PRODOESTE (Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste), PROCEDER (Programa de Cooperação Nipo-Brasileira de Crescimento do Cerrado), POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento das Áreas de Cerrado), PNPC (Programa Nacional de Papel e Celulose), PRODEGRAN (Programa de Desenvolvimento da Região da Grande Dourados), PROALCOOL (Programa Nacional do Alcool) e a PRODEPAN (Programa de Desenvolvimento da Região do Pantanal).

Segundo Maciel (2009), é importante ressaltar que os incentivos fiscais foram instrumento dilatador tanto para a política industrial vigente, como também para o estímulo da expansão do desenvolvimento regional. É nesse período que ocorre uma migração, no qual a região passa a ter um enfoque, conforme demonstra Pavão (2005):

Neste contexto, ocorreu a migração de capitais produtivos para a região, dentro do processo de desconcentração da produção industrial brasileira. Assim, foram criados vários grupos econômicos para desenvolver a agricultura comercial e, com as crises internacionais (petróleo e financeira), a região se insere na política macroeconômica, no esforço de geração de divisas. A partir de 1977, com a criação do Estado de Mato Grosso do Sul, ocorreu a inserção da economia sul-mato-grossense no processo de desconcentração, através da atração de investimentos na agroindústria, principalmente de empresas de São Paulo, do setor frigorífico e de esmagadoras de soja, ligados ao mercado internacional e à região Sul. (PAVÃO, 2005).

Todavia, precisamos destacar que nesse processo de descentralização industrial e fortalecimento do agronegócio no Brasil, criou-se um quadro favorável para o Estado, no qual a sua economia foi “fortalecida”. Podemos conferir no comentário de Brum e Oliveira (2016):

Corroborando para esse cenário destaca-se o processo de desconcentração industrial ocorrido a partir da estabilização da economia em 1994, com o deslocamento de plantas industriais principalmente de São Paulo e da região sul do Brasil, que buscam outras regiões diante uma nova visão estratégica do setor, atraídos por vantagens regionais como; abundância de matéria prima, benefícios fiscais, configuração de novos eixos logísticos etc. Atraídos pela grande oferta e imenso potencial de expansão da produção de matérias primas básicas da agroindústria como; grãos, carnes, madeira e cana de açúcar, o capital industrial que até poucos anos estava concentrado nas regiões sudeste

e sul do Brasil passa a se deslocar, a cada ano, com maior velocidade em direção ao Centro- Oeste. (BRUM E OLIVEIRA, 2016).

¹ Para maiores informações sobre os programas, consultar Abreu (2003).

Outro investimento governamental com objetivo de ampliar a economia da região foi o programa “Corredores de Exportação”, em vigência com o I PND, que visava expandir e diversificar o leque de exportação agropecuário, planejamentos que além de incentivar o mercado externo buscavam fazer o mesmo com o mercado interno.

Além disso, havia políticas internas de desenvolvimento naquele período, mencionadas anteriormente, que visavam o crescimento econômico da área, portanto, não foi muito difícil que o agronegócio se estruturasse nessa porção do território nacional.

Em relação à soja, passou a ser cultivada em maior escala no estado nesse período, no fim da década de 1970. Segundo Campos (2012), esse quadro de expansão se dá pela introdução da agroindústria, investimento em desenvolvimento e logística, aprimoramento no solo e aplicação de técnicas de produção.

A ampliação do complexo soja no Centro-Oeste tem sido expressiva, desde que se instalou. Ao comparar a sua participação desde a década de 1980, para o ano de 1989, 1999 e 2002, podemos compreender esse cenário, conforme pode se observar na Tabela 2:

Tabela 2 – BRASIL – Participação por regiões na produção brasileira de soja:

Ano	Região Tradicional	Centro-Oeste e MG	Nordeste	Norte
1980	86%	14%	0%	0%
1989	55%	42%	3%	0%
1999	46%	48%	5%	1%
2002	41%	53%	5%	1%

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil: Conab/Dipla - 1980, 1989, 1999 e 2002. Organizado por: Antônio Fabiano Moreira de Souza.

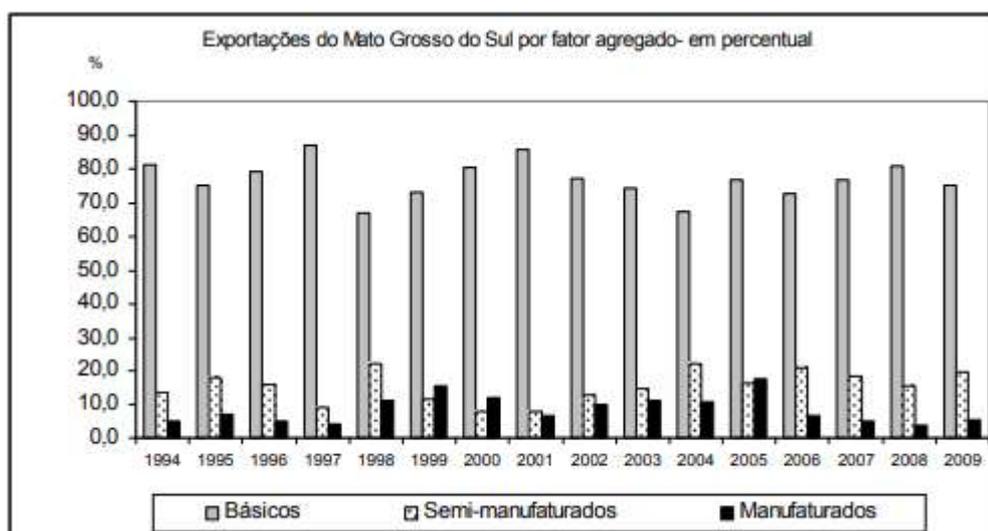
Com esse cenário delineado, a exportação é uma das atividades que ganha forma, primeiro porque abre espaço para que haja outras possibilidades de venda do produto, além de sua comercialização interna. As exportações acarretam a inserção de novas corporações

privadas no mercado nacional, já que possuem interesses em comum. Pinazza comenta sobre essa questão em relação à soja:

[...] a participação das empresas multinacionais na coordenação das atividades deve ser mencionada como um dos fatores que evidenciam a competitividade brasileira nas exportações do complexo da soja. Um complexo e integrado mecanismo de financiamento, processamento e escoamento da produção, coordenado a partir das grandes multinacionais, garante um bom nível de funcionamento dessa cadeia. Não obstante, apesar da existência desses grandes agentes coordenadores, não se observa uma ação em conjunto entre eles, no intuito de fomentar as vendas dos produtos brasileiros no exterior, reforçando a ideia de que não existe, ao menos no momento, uma estratégia bem definida de diferenciação dos produtos brasileiros. (PINAZZA, 2007, p.63).

No contexto da expansão da produção de grãos e exportação, no estado do Mato Grosso do Sul, não houve uma “reprimarização da pauta exportadora” em seu território, tema abordado no capítulo anterior referente à economia nacional. Desde sua ocupação, tem sido organizado um mercado mais voltado para a produção de produtos primários agrícolas e no setor agropecuário. Podemos conferir a Figura 7, as exportações por fator agregado do estado.

Figura 7 – MATO GROSSO DO SUL – Participação relativa das exportações por fator agregado de 1994 a 2009.



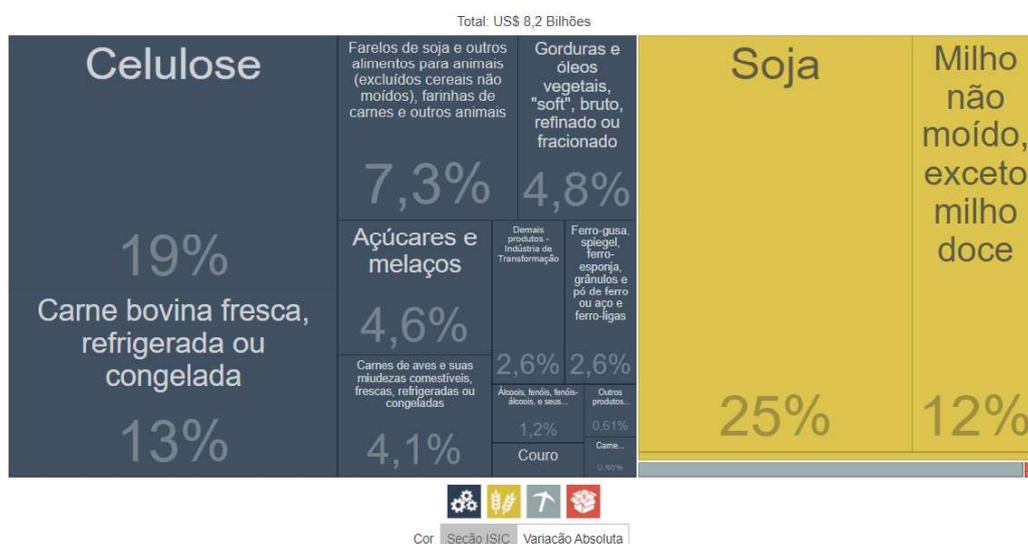
Fonte: Secex, 2010. Organização: Lamoso.

Na década de 2010, no ranking de produtos mais exportados constavam, além dos grãos de soja e milho, a carne bovina, os minerais metálicos (minério de ferro e granulado e manganês) e havia um crescimento no setor de celulose e açúcar/etanol (LAMOSO, 2010).

2.3 Exportação da soja pelo Mato Grosso do Sul

Ao analisar o quadro de exportação do estado no ano de 2022, ainda encontramos a soja como 1º produto no ranking, ocupando 32% ao todo, sendo 25% *in natura* e 7,3% na composição de farelo, farinhas, entre outros. Em comparação à década de 2010, a celulose passa a exportação de carne bovina, ocupando o 2º lugar no *ranking* da exportação do estado. Conforme ilustra os dados retirados do Comexstat (2022), apresentados na Figura 8.

Figura 8 – MATO GROSSO DO SUL – Visão geral dos produtos exportados no Mato Grosso do Sul (2022).

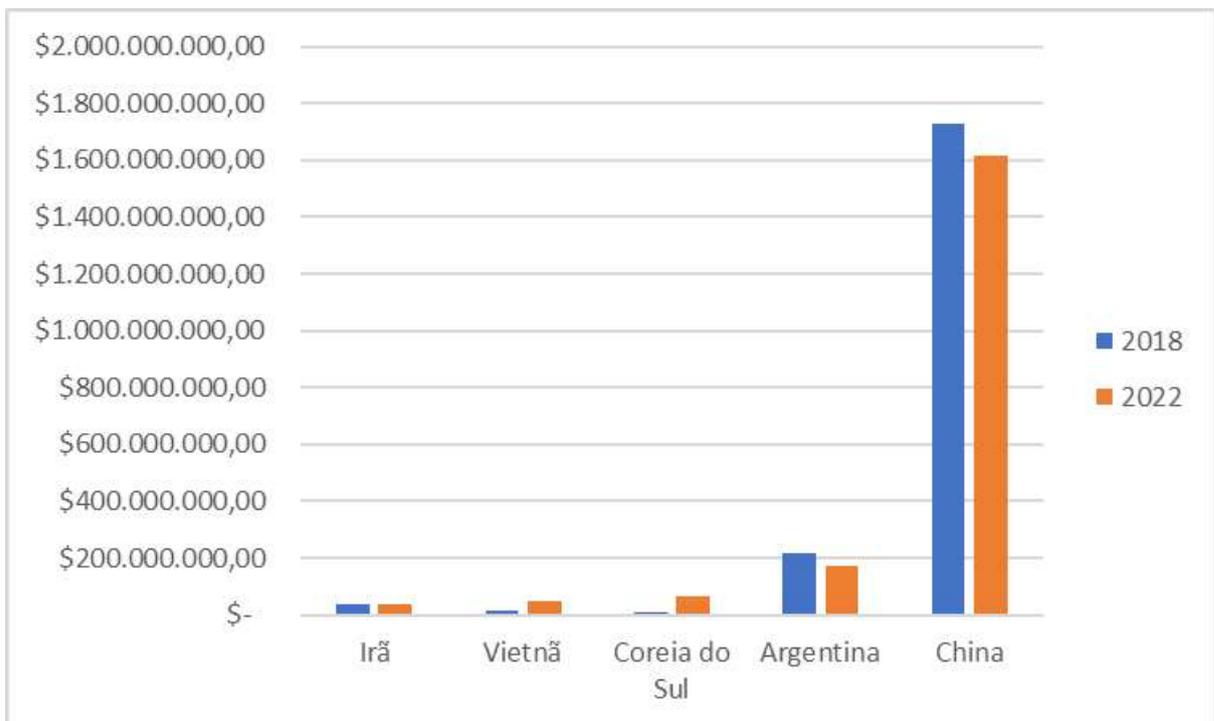


Fonte: ComexStat, 2023.

Durante os anos de 2018 - 2022, os valores em dólares referente a exportação de soja pelo estado, segundo o portal ComexStat, foram: em 2018, US\$2.061.807.745; 2019, US\$1.152.774.101; 2020, US\$1.620.723.737; 2021, US\$2.375.288.328 e 2022, US\$2.062.809.615. Apesar de terem uma baixa nos anos de 2019 e 2020, voltaram a recuperar a mesma média de 2018 nos anos de 2021 e 2022. (COMEXSTAT, 2023).

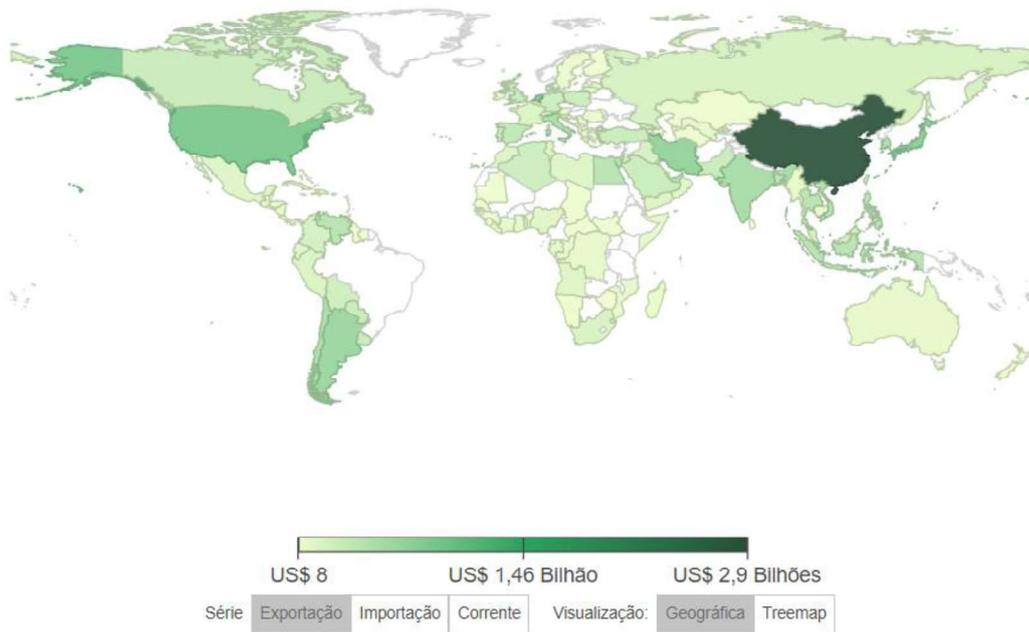
Em 2022, os principais destinos para exportação da soja no ranking do Estado eram: China, Argentina, Coreia do Sul, Vietnã e Irã. Ao observar as Figuras 9 e 10, a primeira aponta um gráfico referente aos parceiros que o Estado exporta a soja, enquanto a segunda demonstra um mapa. Assim podemos notar a diferença que a China ocupa em escala dentre todos os outros parceiros comerciais:

Figura 9 – MATO GROSSO DO SUL – Principais destinos das exportações de soja em 2018 e 2022 (milhões US\$ FOB).



Fonte: ComexStat, 2023. Organizado por Heloisa Donegá Marchi.

Figura 10 – MATO GROSSO DO SUL – Destino das exportações (2022).



Fonte: ComexStat, 2023.

Enquanto os parceiros mencionados, ocupam um valor FOB na casa dos milhões, como o Irã por exemplo, US\$ 358 milhões e uma participação de 4,36% nas exportações; A China ocupa a casa de bilhões, com um valor FOB de US\$ 2,9 bilhões e uma participação de 35,6% nas exportações do Estado.

As estruturas produtivas presentes no Mato Grosso do Sul e seu comércio de exportação interagem em convergência com as políticas industriais vigentes, elas conversam com o planejamento de desenvolvimento econômico do país. Por isso, existe uma vantagem para que haja consolidação das empresas privadas através de instrumentos públicos, principalmente no setor do agronegócio.

Segundo Lamoso (2010), o setor do agronegócio abrange: a classe dos pecuaristas (subordinados ao capital industrial e comercial dos grupos frigoríficos), do complexo soja (dominado pelas *tradings* transnacionais e pelas cooperativas exportadoras, entre as quais maior destaque cabe à Coamo, ADM, Bunge, Cargil) e pela produção de minério, exportado predominantemente na forma de minério granulado pela J&F.

Esse arranjo tende a concentrar parte da renda para os grupos exportadores, tanto aqueles externos quanto internos à economia nacional. Nesse aspecto, é preciso retomar a

atenção, já que essa estrutura está diretamente ligada ao desenvolvimento local, às questões empregatícias, à organização social e um desequilíbrio pode trazer uma vulnerabilidade à população.

No próximo capítulo, discutiremos alguns elementos sobre a vulnerabilidade comercial exportadora do município de Dourados.

CAPÍTULO III

Vulnerabilidade e dependência do Complexo Soja em Dourados/MS

3. A Vulnerabilidade e dependências do Complexo Soja:

Ter como base uma economia, em sua maior parte no setor primário, acarreta diversos tipos de vulnerabilidade, sendo territorial, econômica ou sociocultural. Questões como mudanças climáticas podem gerar prejuízos que se tornam um “efeito dominó” nas outras áreas, por exemplo: afetando outras empresas que armazenam e transportam o produto, e conseqüentemente, abalando a cadeia como um todo. Economicamente falando, as estruturas podem ser atingidas por excesso de safra, mercados concorrentes, questões tributárias, até mesmo pela queda de preços, principalmente no mercado internacional.

Além disso, devemos levar em conta o papel do Estado nesse segmento, o qual também acaba sendo paradoxal. Ao mesmo tempo em que busca melhorar a qualidade de vida da população que reside em seu território, procura atender aos interesses das grandes corporações que se instalam ali, muitas vezes na contramão do primeiro ponto. Frederico comenta, sobre a conjuntura dos anos noventa sobre essa questão:

A década posterior reafirma a tendência de modificação da regulação da produção agrícola, à medida que o estado brasileiro adota uma postura de liberalização da economia. As grandes empresas que atuam nos circuitos espaciais produtivos agrícolas, a partir daí, passaram a regular a produção através da concessão de crédito aos produtores e controle da logística de escoamento dos grãos. Os produtores se tornaram, dessa maneira, mais submissos aos desígnios das grandes corporações, que ainda contam com a cooperação do Estado. Este assumiu o papel de financiador da construção dos sistemas de engenharia necessários à produção e de mediador, através da formulação de normas, da ação das grandes empresas. (FREDERICO, 2008, p. 140)

Muitas vezes o Estado precisa adequar-se às necessidades do centro dinâmico da economia capitalista, no qual coexiste um encontro entre o uso do seu território como meio para as corporações privadas. A lógica da economia capitalista não delinea fronteiras, seu objetivo

passa a ser sempre comprometido com o lucro, utilizando diversos mecanismos que adaptam as disposições de trabalho e produção.

Mesmo que o Estado se torne uma potência, enquanto encontrar-se retido em um determinado espaço geográfico traçado, ainda não consegue ultrapassar determinados limites. Resultando em uma submissão do Estado ao sistema, onde sempre há uma busca de expansão de poder político e econômico, aliados a uma competição entre diversos países que estão cedendo a mão-de-obra da sua população sem acrescentar de fato benefícios a essas pessoas.

Esse contexto pode ser enquadrado como uma questão de vulnerabilidade socioeconômica. Primeiramente, caracterizando “vulnerabilidade” como um conjunto de condições que deterioram a qualidade de vida da população em graus distintos. Esse estudo tem o propósito de entender como o comportamento da cadeia de sojicultura pode afetar a diversidade econômica local e criar uma dependência econômica, pois mais de 80% das exportações do município de Dourados estão relacionadas ao complexo soja e possui um parceiro comercial com porcentagem elevada de participação, a China.

3.1 - A microrregião de Dourados/MS

O município de Dourados, localizado no sul do estado do Mato Grosso do Sul, possui uma população de 243.368 mil habitantes (IBGE, 2022) área territorial de 4.062,236 km², PIB per capita (2020) de R\$48.135,57 e percentual das receitas oriundas de fontes externas (2015) de 62,8% (IBGE, 2023).

A partir da década de 1970 houve um crescimento populacional, momento em que o preço das terras eram mais acessíveis em termos de preço por hectare e, portanto, houve uma migração (principalmente do parte da região sul do Brasil), também motivada pelos projetos de colonização.

A microrregião na qual está localizada apresenta uma topografia propícia para mecanização da produção agrícola, o que beneficiou a introdução dessa cultura. E com a inserção de lavouras, instalou-se a produção de carne bovina, aliada a necessidade da demanda do mercado externo, fenômeno que acarretou maior mão-de-obra para a cidade. Conforme ilustra Silva (2000):

Na porção sul de Mato Grosso do Sul, a expansão desse sistema “... foi resultado da convergência simultânea de três processos desencadeados a partir do final dos anos 60: o esgotamento da fronteira agrícola no Rio Grande do Sul; a expansão vigorosa do mercado internacional da soja; e as políticas do Estado Desenvolvimentista de incentivo a expansão da agricultura capitalizada para exportação, com forte incidência na região em tela”. (SILVA, 2000, p.116)

No ano de 1976, o município recebe investimento de políticas regionais de desenvolvimento PRODEGRAN (Programa de Desenvolvimento da Grande Dourados), com o intuito de ampliar e inovar a agricultura regional. O programa contou com diversas ações, de transporte, armazenamento, energia, combate à erosão, pesquisa, suporte técnico e instrumentos logísticos, no valor de aproximadamente US\$23 milhões. E incluiu 22 municípios da região de Dourados, em uma área de 84,6 milhões de hectares (ABREU, 2003).

Na década de 2000, a área plantada de soja no município correspondia a 24,5% (TSUNECHIRO, 2004). Conforme demonstra a Tabela 3:

Tabela 3 – BRASIL – Municípios brasileiros maiores produtores de soja em 2002.

Ordem	Município	UF	Área plantada (ha)	Produção (t)	%	% acumulada
1	Sorriso	MT	475.000	1.482.000	3,52	3,52
2	Campo Novo do Parecis	MT	300.000	900.000	2,14	5,65
3	Sapezal	MT	293.052	871.781	2,07	7,72
4	Primavera do Leste	MT	220.000	686.400	1,63	9,35
5	Rio Verde	GO	220.000	660.000	1,57	10,92
6	Diamantino	MT	220.542	657.436	1,56	12,48
7	Nova Mutum	MT	195.000	585.000	1,39	13,87
8	Lucas do Rio Verde	MT	180.000	572.400	1,36	15,23
9	Tapurah	MT	190.000	570.000	1,35	16,58
10	Jataí	GO	179.042	516.641	1,23	17,81
11	Campos de Júlio	MT	152.162	456.486	1,08	18,89
12	São Desidério	BA	230.020	420.937	1,00	19,89
13	Itiquira	MT	136.000	408.000	0,97	20,86
14	Nova Ubitatã	MT	123.150	387.923	0,92	21,78
15	Campo Verde	MT	118.501	369.471	0,88	22,66
16	Maracaju	MS	130.000	327.600	0,78	23,44
17	Dourados	MS	120.000	324.000	0,77	24,20
18	São Gabriel do Oeste	MS	111.000	319.680	0,76	24,96

Fonte: Produção Agrícola Municipal (IBGE, 2003). Extraído de: Alfredo Tsunechiro (2004).

Já no ano de 2021, o município ocupava o 4º lugar no ranking de produtores do estado do Mato Grosso do Sul, com uma produção de 684.000 toneladas, um pouco mais que o dobro

do que produzia no ano de 2002 (324.000 t). Conforme aA Figura 11 demonstra, através de dados retirados do IBGE.

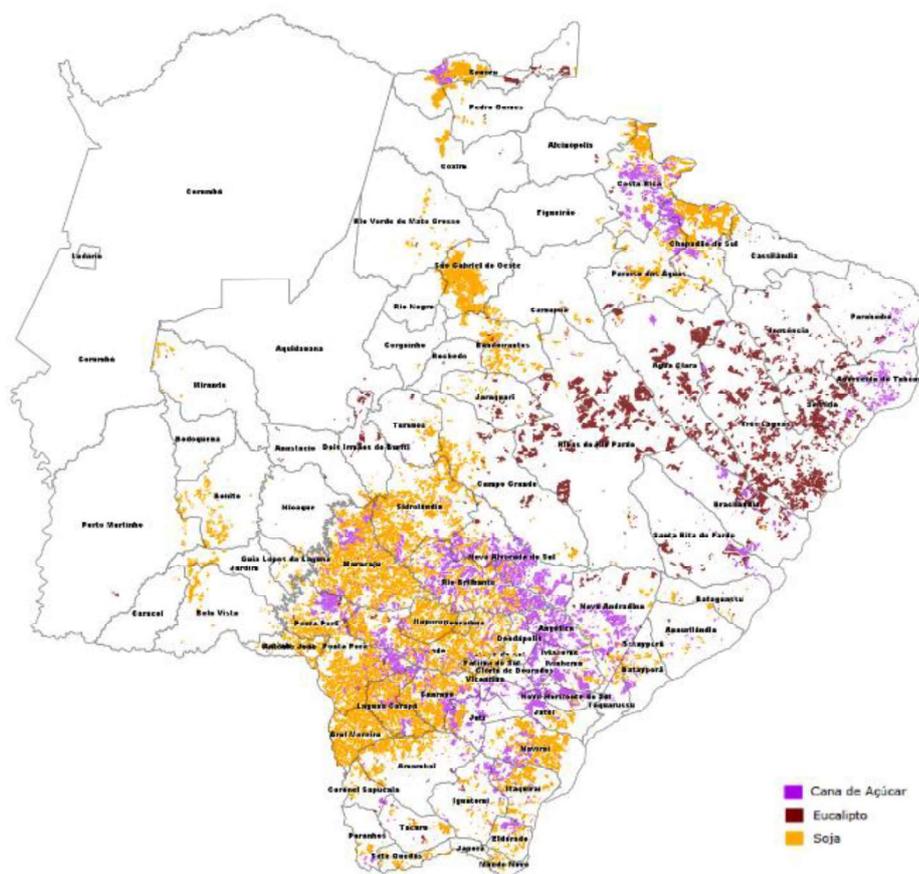
Tabela 4 – MATO GROSSO DO SUL – Quantidade produzida de soja – 2022 – por tonelada.

Posição	Município	Volume (toneladas)
1º	Maracaju	1.115.100
2º	Ponta Porã	1.045.000
3º	Sidrolândia	931.000
4º	Dourados	684.000
5º	São Gabriel do Oeste	504.000

Fonte: IBGE, 2023.

Podemos observar através da Figura 11 a concentração das lavouras de soja com enfoque na microrregião de Dourados, no Estado do Mato Grosso do Sul em 2016 (Fonte: SIGA MS), organizado pela autora Faccin.

Figura 11 – MATO GROSSO DO SUL – Distribuição espacial de cana de açúcar, eucalipto e soja (2016).



Fonte: SIGA-MS, 2015. Extraído de Faccin, 2016.

O resultado dessas iniciativas foi o aumento de investimento tanto interno como externo (recebimento de Investimento Externo Direto), ampliação de emprego no setor de serviços, formação de uma rede urbana polarizada pelo município de Dourados. Esse arranjo também facilitou para que empresas e grupos privados se fortalecerem e se instalassem na região.

Passamos a pesquisar em que medida havia uma expansão e dependência da produção de soja e como isso aparecia no comércio exterior.

3.2 As exportações de Dourados

No caso do município de Dourados, a soja passou a ter um protagonismo na estrutura produtiva agrícola, junto com o milho. Cerca de 80% das exportações são do complexo soja. Segundo dados obtidos através do portal COMEXSTAT, no ano de 2022, 49% das exportações eram de soja triturada, 24% tortas e outros resíduos sólidos da extração de óleo de soja e 9,5% de óleo de soja e respectivas fracções, mesmo refinados, mas não quimicamente modificados. Conforme ilustra a figura abaixo:

Figura 12 – DOURADOS – Participação relativa dos principais produtos exportados em 2022.



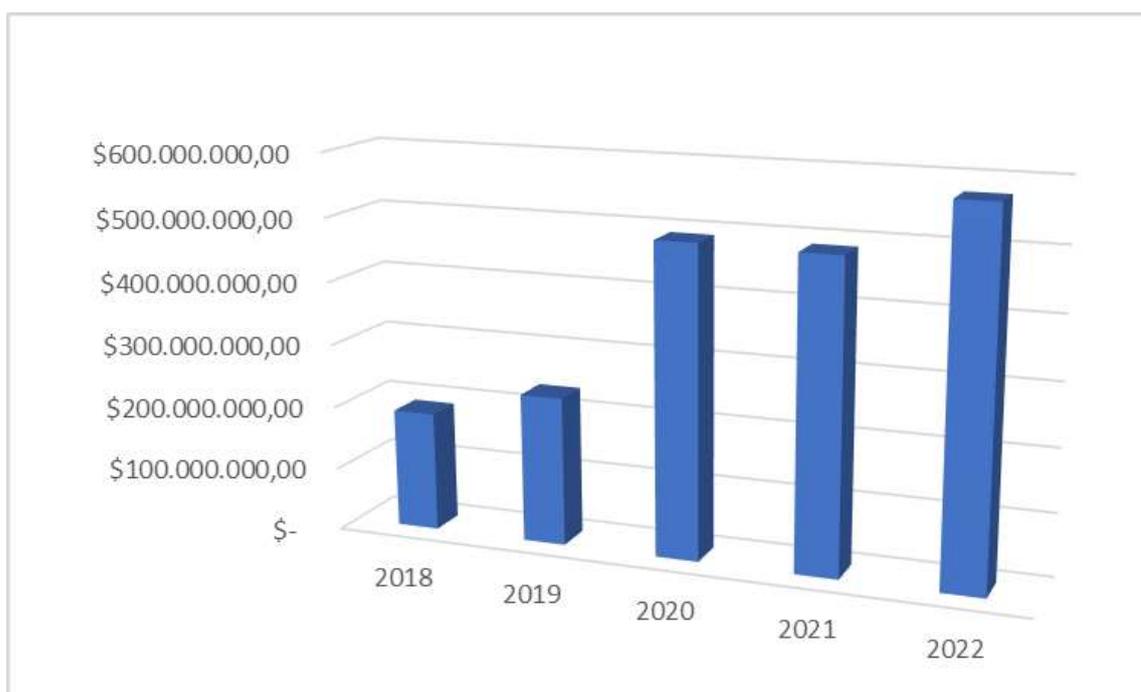
Fonte: COMEXSTAT, 2022.

Entre os anos de 2018 - 2022, é possível observar como o mercado exportador de soja cresceu no município. Através de dados obtidos no portal COMEXSTAT, em 2018 o valor FOB em dólar foi de 188 milhões, enquanto no ano de 2022 esse valor em dólares chega a 575 milhões. Esse valor foi obtido pela soma das descrições SH4² do portal: “Soja mesmo triturada”, “Tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja” e “Óleo de soja e respectivas

fracções, mesmo refinados, mas não quimicamente modificados”. Podemos observar através da Figura 14.

2 Uma das nomenclaturas de classificação das exportações adotadas pelo COMEXSTAT.

Figura 13 – DOURADOS – Exportações de soja de 2018 a 2022 (em US\$ FOB).



Fonte: COMEXSTAT, 2023. Organizado por: Heloisa Donegá Marchi.

Para delinear a expressividade desse mercado exportador que é o complexo soja, dentro do município, além dos dados em valor trazidos acima, pode-se comparar também, a diferença entre a soja que ocupa a 1ª posição no *ranking* e o milho que ocupa a 2ª posição no *ranking* exportador. Conforme podemos observar através da tabela 4.

Tabela 5 – DOURADOS – Exportações de soja e milho em 2018 e 2022. (US\$ FOB).

Produto	2018 – Valor FOB (US\$)	2022 – Valor FOB (US\$)
Soja	188.453.838,00	575.665.280,00
Milho	4.181.589,00	84.252.341,00

Fonte: COMEXSTAT, 2023. Organizado por: Heloisa Donegá Marchi.

No ano de 2022, o município representava cerca de 12% nas exportações do estado com um valor em dólares de 696,74 milhões e ocupava o 2º lugar no ranking das exportações do Mato Grosso do Sul, conforme podemos observar pela figura abaixo, retirada pelo portal de comércio exterior do Brasil (COMEXSTAT):

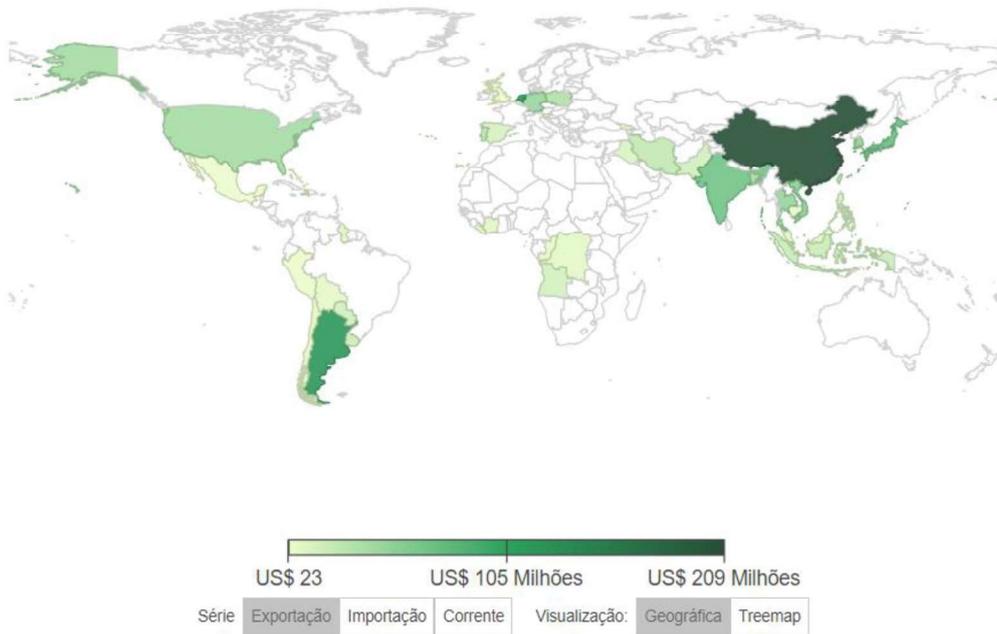
Figura 14 – DOURADOS – Exportações e importações em 2022.



Fonte: COMEXSTAT, 2023.

Em relação aos principais parceiros de exportação de soja no município de Dourados, estão: a China, com a participação de 30%; Argentina, participação de 16,7%; Países Baixos 15,9%; Japão, participação de 6,67% e Índia com a participação de 6,11%. (ComexStat, 2023). Conforme ilustra a figura 15:

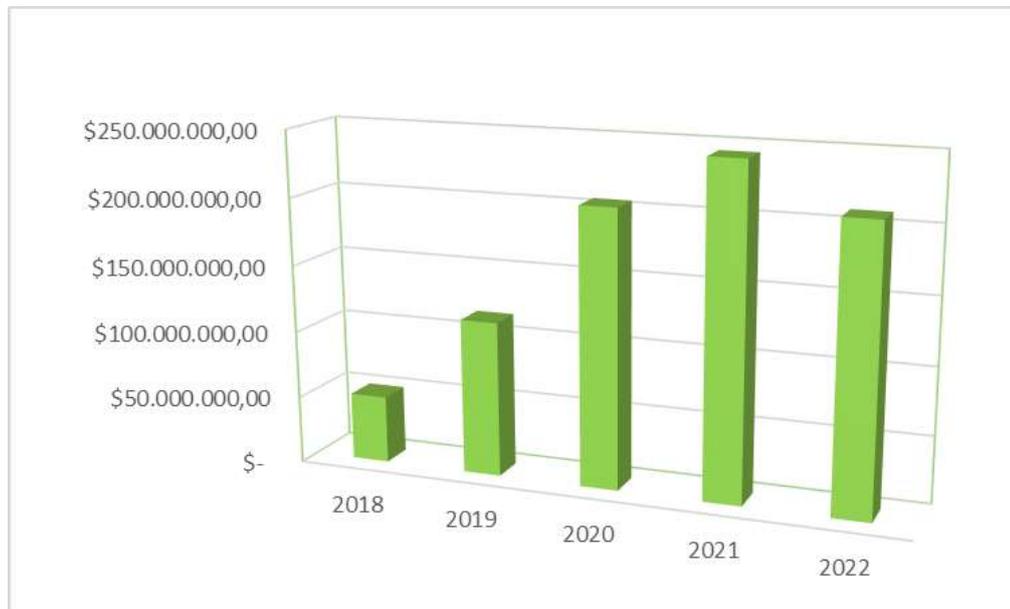
Figura 15 – DOURADOS – Exportação, importação - países parceiros.



Fonte: COMEXSTAT, 2023.

Em relação aos valores exportados de Dourados para a China, encontramos um crescimento de 2018 a 2022. Em 2018, o valor em FOB US\$ (dólares) era de cerca de 50 milhões, enquanto em 2022 era de cerca de 209 milhões (Ver Figura 16).

Figura 16 – DOURADOS – Valor FOB U\$ (dólares) exportação para a China (2018 - 2022)



Fonte: COMEXSTAT, 2023. Organizado por: Heloisa Donegá Marchi.

A participação da China é expressiva, é o principal destino, para compreender essa expressão, vale ressaltar o contexto e ressaltar algumas de suas questões.

3.3 O contexto China

A partir de meados dos anos 1980, os Estados Unidos passaram a perder posições no *ranking* mundial. Enquanto isso, os países subdesenvolvidos passam a crescer dentro desse quadro, como foi o caso da China. (GONÇALVES e PINTO, 2013).

Segundo Protti (2015), a China passa por grandes mudanças internas a partir de 1949, depois de um longo conflito entre os partidos nacionalista e comunista. Com a vitória do Partido Comunista Chinês (PCC), algumas reformas aconteceram para estruturar sua consolidação no poder. A transformação mais significativa dentro da estrutura social chinesa, naquele período, foi a coletivização da agricultura.

Conforme essa nova estrutura social coletiva se consolidou, novas mudanças eram feitas no cenário chinês. Durante a Guerra Fria, Mao Tse-tung (líder do partido) acreditava que o país deveria tomar a unilateralidade dentro desse contexto, escolhendo o lado da União Soviética.

As reformas dentro da China, passaram a ser pensadas inicialmente com apoio desse novo aliado. Conforme ilustra Protti:

Em 1953, após essa fase inicial de consolidação do governo e antes mesmo da promulgação da nova constituição do país em 1954, foi apresentado o Primeiro Plano Quinquenal de desenvolvimento para o período de 1953 a 1957. Em linhas gerais, o objetivo era transformar a China numa potência econômica mundial no prazo de pouco mais de quarenta anos. Para isso, seria necessário acelerar o processo de industrialização por meio de investimentos maciços na indústria pesada em detrimento do consumo das famílias e dos investimentos nos demais setores da indústria. A ideia era pular a etapa do desenvolvimento da indústria leve no país. (PROTTI, 2015).

Ainda que houvesse alguns investimentos por parte da União Soviética, os recursos ainda eram insuficientes e por isso o setor agrícola chinês foi responsável por financiar a maior parte do processo de industrialização. Desde esse momento, a alimentação da maior parte da população chinesa e dos trabalhadores de fábrica, eram compostas por grãos. E nesse mesmo contexto, ocorreu um grande crescimento populacional dentro da China, no qual sua população se duplicava, cerca de 131 milhões de pessoas já viviam nas cidades na década de 1960. (PROTTI, 2015).

A maior parte dos recursos eram direcionadas para a estruturação do processo industrial e o mínimo ficava para a população que trabalhava dentro dos campos. Além da degeneração do trabalhador rural, juntamente com o controle por parte do governo chinês e o aumento populacional, ainda havia falta de grãos para abastecer a todos.

A situação da China só mudou com a morte de Mao Tse-tung, no ano de 1976. Nesse período ocorreram reformas governamentais, o novo líder era Deng Xiaoping, que diferente de Mao procurou adaptar a ideologia política chinesa à política econômica internacional. Conforme demonstra Grasso, et.al, 2008 e Protti:

O amplo programa de reformas iniciado pelo governo de Deng Xiaoping em 1978 trouxe grandes mudanças para quase todos os segmentos da sociedade chinesa. As melhorias na educação, a abertura econômica e o aumento da produtividade no campo e na indústria inauguraram um período de grande prosperidade para uma parcela importante da população como não se via desde o início da revolução em 1949 (Grasso, et.al, 2008).

Apesar da forte oposição de alguns membros mais antigos do partido comunista, Deng demonstrou grande habilidade política ao garantir a continuidade de seus projetos, mesmo após a sua morte no ano de 1997. (PROTTI, 2015).

O contexto apresentado pelos autores nos leva a uma economia chinesa composta pelo cenário conhecido atualmente. Apesar do processo de globalização, adaptando e definindo suas próprias estratégias, a China ascende de modo relevante diante da esfera internacional incluindo uma nova característica à organização de trabalho. Outra questão que está relacionada e deve ser mencionada à ascensão chinesa é em torno da sua população. Como ilustra Gonçalves e Pinto em “Transformações globais, poder efetivo e o protagonismo da China”:

Em 1978, quando houve o take-off, o país tinha 956 milhões de habitantes e era um país eminentemente rural com taxa de urbanização de apenas 18,7%. Em 2010 a população chinesa saltou para 1.338 milhões de pessoas (aproximadamente 20% da população mundial) e tem havido processo acelerado de urbanização (44,9% da população total nas áreas urbanas). (GONÇALVES E PINTO, 2013).

O aumento populacional foi acompanhado da melhoria do padrão de consumo. O uso em grande escala de energia, como consumo tanto de bens duráveis (automóveis, eletrodomésticos, etc) como também de bens não duráveis, principalmente mudanças na alimentação, com maior consumo de proteína animal, que é produzida com a utilização da soja na base da produção de ração.

Segundo Gonçalves e Pinto, a China representa uma nova dinâmica mundial para a economia internacional. Ela detém uma atribuição de “mão dupla”, contribuindo tanto na oferta como também na demanda. Isso ocorre porque ela é o principal exportador de tecnologia da informação (TI) e ao mesmo tempo, principal consumidor de máquinas e *commodities*. Isso acarreta em uma transformação dentro da estrutura do mercado internacional, principalmente em relação aos preços das *commodities*;

Dentre esses processos, cabe destacar: aumento significativo dos preços internacionais das *commodities*; aumento relativamente pequeno dos preços dos produtos manufaturados; melhora dos termos de troca dos países em desenvolvimento exportadores de produtos primários; e, melhora do padrão de consumo de massa em escala global. (GONÇALVES E PINTO, 2013).

Quando analisamos esse quadro e relacionamos com o mercado do complexo soja, podemos observar a influência que a China detém sobre o mesmo. Essa reorganização, além de impactar diretamente nos preços das *commodities*, também influenciam nos preços indiretamente.

A China, Brasil e Estados Unidos juntos, detém cerca de $\frac{2}{3}$ da demanda mundial de farelo de soja (HIRAKURI e LAZZAROTTO, 2014). Segundo Umbelino, o país asiático consome mais de 100% de sua produção própria, o que cria um circuito que precisa constantemente ser ampliado, para que a aquisição de soja seja efetiva dentro da demanda que essa cadeia produz.

Essa questão ao mesmo tempo que parece benéfica, pois cria um grande mercado exportador e com ele diversas oportunidades de mercado, pode também ser um fator determinante para uma dependência econômica entre Brasil e China. E como o trabalho pretende analisar, Dourados e China.

3.4 Vulnerabilidade nas exportações de Dourados

No ano de 2009, a China passou a ser o principal parceiro comercial do Brasil. E no ano de 2010 ela passou a ser seu maior investidor, esse quadro cria um cenário de adversidades, que pode ao mesmo tempo apresentar obstáculos como também oportunidades (Pinto, 2011). É preciso ter a devida atenção.

Possuir um mercado voltado para a produção de apenas uma cadeia e com um parceiro importador investindo grande parte nela, não só gera uma dependência dessa economia como também cria pode criar uma vulnerabilidade. O setor produtivo do município, acaba conduzindo-se para atividades relacionadas, principalmente, a essa área produtiva para usufruir ao máximo dos rendimentos e pode perder sua capacidade de diversificação, em torno de outros cultivos ou atividades econômicas.

O município passa por uma transição já que começa a ceder cada vez mais de seu território para a consolidação de uma estrutura de monocultura, na qual investidores começam arrendar e comprar terras, reduzindo a oferta de terras para cultivos que não seja a soja.

Esse sistema cria um vislumbre de “crescimento e aumento” de empregabilidade em um curto prazo (com auxílio do Estado que cria instrumentos para isso) mas também pode afastar o pequeno produtor local, consolidando uma estrutura cada vez mais vulnerável, na qual em uma suposta crise poderia fragilizar uma fração relevante da população economicamente ativa, que está em empregos ligados a essa cadeia produtiva.

Conforme observamos anteriormente no tópico 3.2, mais de 80% das exportações do município de Dourados está concentrado no mercado do complexo soja, e como ilustramos na Figura 14, cerca de 30% dessa exportação se encontra com um parceiro: a China.

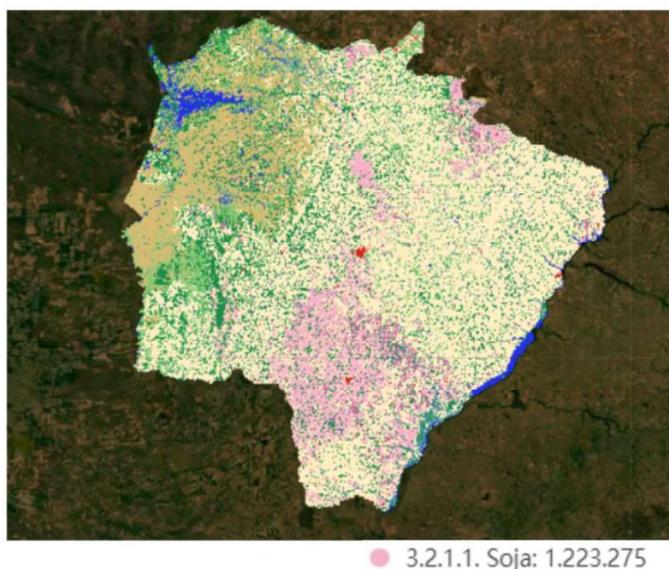
Ainda que esta parceria traga diversos benefícios econômicos, tanto para o país como também para o município, não podemos negar que seja um fator de preocupação. Caso a China decida por interceptar esse comércio, podemos passar por uma crise econômica, já que estruturamos nosso mercado exportador agrícola em torno disso, tanto exportações como nas importações, predominantemente formadas por insumos para o cultivo de soja.

CONCLUSÃO

Ao longo da construção deste presente trabalho foi possível observar como o complexo soja é significativo tanto em um contexto global, como também para o mercado exportador, do Brasil e do município de Dourados, no Mato Grosso do Sul.

Abaixo foram organizados os mapas da distribuição espacial da soja no ano de 2022, tanto do estado do Mato Grosso do Sul, como do município de Dourados pelo portal MAPBIOMAS. A distribuição ocupa uma grande parte desse território, como ilustra as figuras:

Figura 17 – MATO GROSSO DO SUL – Distribuição espacial da soja (2022).

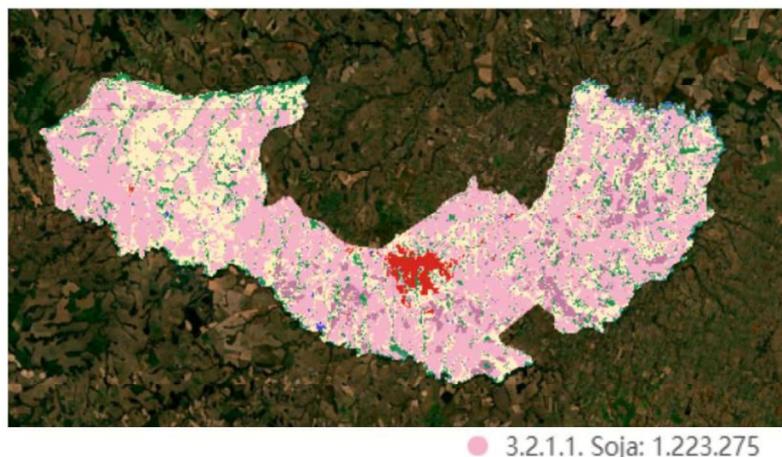


Fonte: MAPBIOMAS, 2023. Organizado por: Heloisa Donegá Marchi.

A estimativa da área de cultivo da soja dentro do estado do Mato Grosso do Sul, no ano de 2022, é de 3,76 milhões de hectares. Em relação ao último ciclo houve uma produtividade média de aproximadamente 3,5kg/ha, o que apresenta uma recuperação de 41,2% comparado ao ciclo anterior, prejudicado por questões climáticas. A soja corresponde a mais de 98% dos cultivos de grãos no estado (CONAB, 2022).

Já no município de Dourados, o levantamento de dados mostra que a área plantada no ano de 2022, era de 226 mil hectares e a produtividade média de aproximadamente 1,4kg/ha, com o total de aproximadamente 327 mil toneladas na produção total (APROSOJA, 2022).

Figura 18 – DOURADOS – Distribuição espacial da soja (2022).



Fonte: MAPBIOMAS, 2023. Organizado por: Heloisa Donegá Marchi.

É importante demonstrar como as relações entre o país, o estado e o município estão diretamente relacionadas e ocorrem com uma influência contínua entre si, ou seja, a todo momento uma economia impacta a outra e vice-versa. Portanto, quando observamos um determinado contexto, como é o caso do complexo soja, é necessário levar diversos pontos em consideração.

Para construir essa pesquisa foi necessário contextualizar brevemente alguns pontos importantes que conjuntamente dão forma a esse mercado. Nesse sentido, apresentamos um curto resumo da economia de exportação brasileira, marcada pelos ciclos econômicos, voltados para a demanda do comércio internacional e moldada pela economia capitalista.

A retomada da exportação de *commodities* e a pauta da reprimarização do território nacional, são fatores que estão diretamente ligados à dependência que o país criou por deter uma economia sempre pautada em uma demanda externa. Esses fatores contribuíram para o quadro econômico em que vivemos hoje no comércio internacional e exportador ligados ao agronegócio.

O protagonismo da soja aparece desde em nível nacional, como “carro chefe” dentro do comércio exportador e também dentro do quadro do estado do Mato Grosso do Sul e do município de Dourados, recorte da nossa pesquisa. A soja consegue servir como base para mais de um setor comercial dentro da indústria de bens de consumo, já que detém uma variedade de subprodutos (grãos, farelo, farinha, óleo vegetal, etc). E por isso tem recebido diversos investimentos, sendo assim, cada vez mais ampliada em sua produção e exportação.

Ao observarmos a expressividade que esse mercado possui dentro do contexto exportador, surge uma preocupação, ao mesmo tempo que esse volume pode ser bastante benéfico para a economia, também pode ser um fator de vulnerabilidade.

Essa vulnerabilidade foi nomeada por nós como “vulnerabilidade comercial exportadora”. A palavra vulnerabilidade em seu significado traz o sentido de fragilidade, ao adicionar a palavra “comercial” estamos falando de uma fragilidade econômica nas exportações, por dependerem expressivamente de um país. Acrescentamos a palavra “exportadora”, porque nos referimos à uma fragilidade econômica especificamente no setor da exportação, de um país, estado ou município.

No caso da nossa pesquisa, que teve o foco no município de Dourados, pudemos observar que cerca de 80% da exportação é voltada para o produto soja e com um parceiro econômico com cerca de 30% de participação, a China.

Apesar de ser interessante ao comércio do município ter um volume expressivo de um determinado produto dentro de seu quadro exportador, pode também ser um meio para uma vulnerabilidade comercial exportadora.

Por fim, a questão da monocultura da soja pode se tornar um problema, caso haja um período de adversidades em relação à safra, cessando sua produção, por exemplo. Outro problema é em relação a uma certa “exclusividade” de parceria comercial, no caso com a China. Caso aconteça algum problema político, ou se o país decidir parar de importar conosco, podemos também enfrentar uma vulnerabilidade econômica exportadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Silvana. **O Mato Grosso do Sul no contexto das políticas regionais de desenvolvimento**. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional de Desenvolvimento Local, UCDB, 2003.

APROSOJABRASIL. **Economia: Produção (Safrá 2015/2016)**. Disponível em: <https://aprosojabrasil.com.br/a-soja/economia/>. Acesso em: 22 mar. 2023.

_____. **Soja**. Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://www.aprosojams.org.br/soja>. Acesso em: 16 jul. 2023.

_____. **Boletim casa cultural – Agricultura**. Ed. nº 00/2020 | Março. Disponível em: https://aprosojams.org.br/sites/default/files/boletins/454%20-%20BOLETIM%20SEMANAL%20CASA%20RURAL%20-%20AGRICULTURA%20-%20CIRCULAR%20454%2026.04.2022_0.pdf. Acesso em: 18 dez. 2023.

APROSOJA/MT. **A história da soja**. Disponível em: <https://www.aprosoja.com.br/soja-e-milho/a-historia-da-soja>. Acesso em: 18 jul. 2023.

BRASIL. Lei n. 8.078, de 11 de setembro de 1990. Código de Defesa do Consumidor. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8078.htm. Acesso em: 07 ago. 2023.

BRUM, Adriana K; AMORIM, Gustavo P. S. A inserção internacional de Mato Grosso do Sul: uma análise pela pauta exportadora e importadora. In: LAMOSO, Lisandra Pereira. **Relações Internacionais de Mato Grosso do Sul: comércio, investimentos e fronteira**. Curitiba: Íthala, 2016. p. 3-15.

CAMELINI, J. H. **Regiões competitivas do etanol e vulnerabilidade territorial no Brasil: o caso emblemático de Quirinópolis, GO**. 2011. 137 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

CAMPOS, M. C. **A Embrapa/Soja em Londrina – PR: a pesquisa agrícola de um país moderno**. 2010. 123 f. Tese (Tese de Doutorado em Geografia) - CFH, UFSC, Florianópolis, 2010.

CAVALCANTE, Marco Antônio Freitas de Hollanda; RIBEIRO, Fernando José da Silva Paiva. **As exportações brasileiras no período de 1977/96: Desempenhos e Determinantes**. Rio de Janeiro, 1998.

CONAB. **Produção de soja em Mato Grosso do Sul tem aumento de 49,4%. 2022**. Conab.gov.br. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/ultimas-noticias/4852-producao-de-soja-em-mato-grosso-do-sul-tem-aumento-de-49-4#:~:text=A%20estimativa%20da%20C3%A1rea%20estadual,em%20Mato%20Grosso%20do%20Sul.>. Acesso em: 18 dez. 2023.

COMEXSTAT. **Mdic.gov.br**. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

Comunicado Técnico Edição 3/2023 | 2 de março. [s.l.: s.n.], 2010. Disponível em: <<https://www.cnabrazil.org.br/storage/arquivos/files/Ed.3-CT-CNA-PIB-Brasil-2mar2023-1.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2023.

CNA (Brasil). **Aliança Agroeconômica do Centro-Oeste divulga relatório do 4º trimestre de 2022**. Publicação traz balanço do período e perspectivas da safra de grãos e pluma. 2023. Assessoria de Comunicação CNA. Disponível em: <https://cnabrazil.org.br/noticias/alianca-agroeconomica-do-centro-oeste-divulga-relatorio-do-4o-trimestre-de-2022>. Acesso em: 19 jul. 2023.

DALL' AGNOL, A. **Soja: o fenômeno brasileiro**. Londrina: EMBRAPA, 2008.

EMBRAPA. **Dados econômicos - Portal Embrapa**. **Embrapa.br**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/soja/cultivos/soja1/dados-economicos>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

_____. **História da soja**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/soja/cultivos/soja1/historia>>. Acesso em: 18 jul. 2023.

FACCIN, Ana Carolina Torelli Marquezini; CASTILLO, Ricardo Abid. **Vulnerabilidade territorial e implicações sócio-espaciais da expansão do complexo soja no Mato Grosso do Sul**. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 133-156, 6 dez. 2017. UNESP - Universidade Estadual Paulista. <http://dx.doi.org/10.5016/estgeo.v15i1.12444>.

FREDERICO, S. **Modernização da Agricultura e Regulação Territorial nos Fronts Agrícolas Brasileiros**. Espaço e Geografia (UnB), v. 11, p. 135-155, 2008.

GONÇALVES, Jackson. E; SILVA, Sheldon. W; GONÇALVES, Eliandra. S. O; MELO, Tuane. F. **Reflexões atualizadas sobre o contexto do agronegócio brasileiro**. *Agroalimentaria*, v. 24, n. 46; p. 89-101, 2018.

HIRAKURI, Marcelo Hirochi *et al.* **Evolução: soja**. Soja. 2021. Embrapa Soja. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/soja/pre-producao/socioeconomia/evolucao>>. Acesso em: 19 jul. 2023.

GONÇALVES, Reinaldo; PINTO, Eduardo C. **Transformações globais, poder efetivo e o protagonismo da China**. Rio de Janeiro: IE-UFRJ Discussion Paper 017, 2013.

HIRAKURI, M. H.; LAZZAROTTO, J. **O agronegócio da soja nos contextos mundial e brasileiro**. Londrina: Embrapa Soja, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Banco de dados do IBGE**. Disponível em . Acesso em: março 2023.

_____. **Cidades e Estados: Mato Grosso do Sul**. 2022. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms.html>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

JAMIL CHADE. **Brasil perde lugar em ranking de maiores exportadores do mundo; veja lista.** Uol.com.br. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/04/05/brasil-perde-lugar-em-ranking-de-maiores-exportadores-do-mundo-veja-lista.htm>>. Acesso em: 6 jul. 2023.

KALDOR, Nicholas. *Strategic Factors in economic Development*, New York State School of Industrial and Labor Relations, Cornell University: Ithaca NY, 1967, 83p.

LAMOSO, Lisandra Pereira. **Comércio exterior e estruturas produtivas no Mato Grosso do Sul.** In: 1 SIMPÓSIO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FCH, 2010. Dourados. Anais 1 Simpósio de Pesquisa e Extensão da FCH. Dourados : UFGD, 2010.

_____. *Commodities.* In: SILVEIRA, Márcio Rogério. *Circulação, transportes e logística: diferentes perspectivas.* São Paulo : Outras Expressões, 2011a

_____. **Reprimarização no território brasileiro.** *Revista Brasileira de Geografia Econômica*, 1-32, 2020.

LANDGRAF, Lebna. **Brasil lidera e é referência no desenvolvimento de tecnologias sustentáveis para produção de soja: pesquisa, desenvolvimento e inovação.** Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação. 2023. Embrapa Soja. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/81613580/brasil-e-referencia-no-desenvolvimento-de-tecnologias-sustentaveis-para-producao-de-soja#:~:text=Tropicaliza%C3%A7%C3%A3o%20da%20soja&text=%E2%80%9CCom%20a%20pesquisas%20da%20Embrapa,territ%C3%B3rio%20brasileiro%E2%80%9D%2C%20conta%20Arias>>. Acesso em: 19 jul. 2023.

MACIEL, M. S. **Dependência de trajetória nos incentivos fiscais: fragmentação do empresariado na reforma tributária.** 2009. Dissertação (Mestrado) - Câmara dos Deputados/CEFOP, Brasília, DF. MAPA - MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. *Brasil projeções do agronegócio 2011/2012 a 2021/2022.* Edição 2012. MAPA. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/ministerio/gestao-estrategica/projecoes-do-agronegocio>>. Acesso em: 19 jul. 2023.

MAPBIOMAS. **brasil.mapbiomas.org.** Disponível em: <[https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/cobertura?activeBaseMap=9&layersOpacity=100&activeModule=coverage&activeModuleContent=coverage%3Acoverage_main&activeYear=2022&mapPosition=-15.114553%2C-51.416016%2C4&timelineLimitsRange=1985%2C2022&baseParams\[territoryType\]=1&baseParams\[territories\]=1%3BBrasil%3B1%3BPa%3%ADs%3B0%3B0%3B0%3B0&baseParams\[activeClassTreeOptionValue\]=default&baseParams\[activeClassTreeNodeIds\]=1%2C7%2C8%2C9%2C10%2C11%2C12%2C13%2C14%2C15%2C16%2C17%2C18%2C19%2C28%2C30%2C31%2C32%2C33%2C34%2C29%2C35%2C36%2C37%2C38%2C20%2C21%2C4%2C22%2C23%2C24%2C25%2C5%2C26%2C27%2C6&baseParams\[activeSubmodule\]=coverage_main&baseParams\[yearRange\]=1985-2022](https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/cobertura?activeBaseMap=9&layersOpacity=100&activeModule=coverage&activeModuleContent=coverage%3Acoverage_main&activeYear=2022&mapPosition=-15.114553%2C-51.416016%2C4&timelineLimitsRange=1985%2C2022&baseParams[territoryType]=1&baseParams[territories]=1%3BBrasil%3B1%3BPa%3%ADs%3B0%3B0%3B0%3B0&baseParams[activeClassTreeOptionValue]=default&baseParams[activeClassTreeNodeIds]=1%2C7%2C8%2C9%2C10%2C11%2C12%2C13%2C14%2C15%2C16%2C17%2C18%2C19%2C28%2C30%2C31%2C32%2C33%2C34%2C29%2C35%2C36%2C37%2C38%2C20%2C21%2C4%2C22%2C23%2C24%2C25%2C5%2C26%2C27%2C6&baseParams[activeSubmodule]=coverage_main&baseParams[yearRange]=1985-2022)>. Acesso em: 16 dez. 2023.

MICHAELIS. **Vulnerabilidade:** vul·ne·ra·bi·li·da·de. Isbn: 978-85-06-04024-9: Editora Melhoramentos Ltda, 2015.

OLIVEIRA JUNIOR, Enoch Felix de. **Caracterização da comercialização para exportação da soja no Mato Grosso do Sul**. 2014. 59 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Ciências Contábeis e Economia, Face, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.

OLIVEIRA JUNIOR, Enoch Felix de, Eduardo Luis Casarotto, Jane Corrêa Alves Mendonça, Erlaine Binotto, e Michele Vasti Antônia Parlandim Da Silva. **"Exportação de soja no estado de Mato Grosso do Sul: características da comercialização."** Revista Em Agronegócio E Meio Ambiente 11.1 (2018): 71-97.

PAVÃO, Eugênio da Silva. **Formação, Estrutura e dinâmica da Economia de Mato Grosso do Sul no contexto das transformações da Economia Brasileira**. Florianópolis, UFSC, Centro SócioEconômico, 2005.

PINAZZA, L. A. **Ministério da Agricultura e do Abastecimento, Brasília, DF (Brasil)**. IICA, Brasília, DF (Brasil). Cadeia produtiva da soja. Série Agronegócios (Brasil), v. 2, 2007.

PINTO, E. **O eixo sino-americano e as transformações do sistema mundial**. In: LEÃO, R.; PINTO, E.; ACIOLY, L. (Org.). A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos. Brasília: Ipea, 2011a.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PROENÇA, R. Diagnóstico da Cultura da Soja no Estado de Mato Grosso do Sul. Artigos - Economia e Finanças - Administradores.com, 2005.

PROTTI, Alberto Teixeira. China uma análise do papel das exportações e do investimento doméstico para o modelo de desenvolvimento econômico no período recente. Campinas - SP: [s.n], 2015.

RANGEL, Ignácio. Ciclo, tecnologia e crescimento. In: BENJAMIM, Cesar (org). Obras reunidas. v.2, São Paulo: Contraponto. p. 255-408, 2005.

RIVEIRA, Carolina. **Brasil fecha 2022 como a 12ª economia do mundo, empatado com Irã; veja ranking**. Exame. Disponível em: <<https://exame.com/economia/brasil-fecha-2022-como-a-12a-economia-do-mundo-ranking/>> . Acesso em: 6 jul. 2023.

SANTOS, Milton. **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha. Acesso em: 15 jun. 2023. , 2002.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo : Record, 2000.

SILVA, Cinthia Soares da *et al.* **Escoamento da soja do Centro Oeste Brasileiro: Uma análise dos modais ferroviário e rodoviário**. In: CAMPELLO, Mauro Luiz Costa (org.). **Logística: contribuições para melhorias na produção e nos resultados**. Guarujá: Científica Digital, 2021. Cap. 3. p. 46-63. Elaborado por: Maurício Amormino Junior.

SILVA, Mário Cezar T. Os novos rumos da política habitacional e o processo de urbanização de Dourados-MS. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Geografia)- FFLCH/USP.

SOUZA, Antonio Fabiano Moreira de. **Evolução da Produção e Exportação da Soja Brasileira**: uma análise do período de 2002 à 2010. 2011. 51 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Econômicas, Ufrj, Rio de Janeiro, 2011.

SOUZA, M. O. de; MARQUES, D. V.; MARRA, R. **O complexo de soja: aspectos descritivos e previsões**. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PESQUISA OPERACIONAL - SBPO, 41., 2009, Porto Seguro. [Anais...] Porto Seguro, 2009.

SCHUMPETER, Joseph. Teoria do desenvolvimento econômico. São Paulo : Abril Cultural, [1957], 1982.

TSUNECHIRO, Alfredo. **Os 50 municípios brasileiros maiores produtores de milho e soja**. 2004. IEA - Instituto de Economia Agrícola. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=1356#:~:text=A%20%C3%A1rea%20de%20soja%20correspondeu,da%20produ%C3%A7%C3%A3o%20estadual%20e%20brasileira..> Acesso em: 23 jul. 2023.

UMBELINO, Ana Celina Lobo. **O mercado da soja para o Brasil, os Estados Unidos e a China sob a perspectiva da Interdependência Complexa**. Goiânia, 2021.

WORD TRADE ORGANIZATION. **Brazil. 2017**. Disponível em: https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/daily_update_e/trade_profiles/BR_e.pdf. Acesso em 19 de junho de 2023.